



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas

**LÍNGUA TIKUNA:
VARIAÇÕES NA TRÍPLICE FRONTEIRA
BRASIL, PERU E COLÔMBIA**

por

BERNABÉ BITENCOURT SERRA
(Mecüracü rü Tchai'erucü)



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas

**LÍNGUA TIKUNA:
VARIAÇÕES NA TRÍPLICE FRONTEIRA
BRASIL, PERU E COLÔMBIA**

BERNABÉ BITENCOURT SERRA

(Mecüracü rü Tchai'erucü)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística em Linguística e Línguas Indígenas.

Orientadora: Profa. Doutora Marília Lopes da Costa Facó Soares

Linha de pesquisa: Descrição, Análise e Documentação de Línguas Indígenas

Rio de Janeiro

2018

S586d SERRA, Bernabé Bitencourt (Mecüracü rü Tchai'erucü)
Língua Ticuna: variações na tríplice fronteira Brasil, Peru e
Colômbia / Bernabé Bitencourt Serra (Mecüracü rü Tchai'erucü). –
Rio de Janeiro, 2018.

102f. : il. (color.)

Orientadora: Profa. Dra. Marília Lopes da Costa Facó Soares

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Museu Nacional, Mestrado Profissional em Linguística e Línguas
Indígenas - PROFLLIND, 2018.

1. Línguas indígenas. 2. Língua Tikuna (Ticuna). 3. Povo Tikuna (Ticuna).
4. Tríplice fronteira. 5. Amazônia. 6. Variação linguística I. Soares, Marília
Lopes da Costa Facó. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas

**LÍNGUA TIKUNA:
VARIAÇÕES NA TRÍPLICE FRONTEIRA
BRASIL, PERU E COLÔMBIA**

BERNABÉ BITENCOURT SERRA

(Mecüracü rü Tchai'erucü)

Orientadora: Profa. Dra. Marília Lopes da Costa Facó Soares

Dissertação de Mestrado submetida ao Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística e Línguas Indígenas.

Examinada por:

Presidente - Profa. Dra. Marília Lopes da Costa Facó Soares (PROFLLIND- MN- UFRJ)

Profa. Dr. Gean Nunes Damulakis (PROFLLIND- MN- UFRJ)

Profa. Dra. Maria Cecília de Magalhães Mollica (POSLING-UFRJ)

Profa. Dra. Beatriz Protti Christino (PROFLLIND- MN- UFRJ) (suplente)

Profa. Dra. Christina Abreu Gomes (POSLING-UFRJ) (suplente)

Dedicatória

À minha família, por ter permanecido ao meu lado, incentivando-me a percorrer este caminho; por permitir compartilhar angústias, dúvidas, estendendo-me suas mãos em momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

Ao Ser Supremo, pela vida e a possibilidade de empreender esse caminho evolutivo, por propiciar tantas oportunidades de estudos e por colocar em meu caminho pessoas amigas e preciosas.

A presente dissertação de mestrado não poderia chegar a bom porto sem o precioso apoio de várias pessoas.

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Marília Lopes da Costa Facó Soares, por toda a paciência, empenho e sentido prático com que sempre me orientou neste trabalho e em todos aqueles que realizei durante o Curso de Mestrado. Muito obrigado por me ter corrigido quando necessário, sem nunca me desmotivar.

Desejo igualmente agradecer a todos os meus colegas do Mestrado em Linguística e Línguas Indígenas (PROFLLIND – MN UFRJ) e, em memória daqueles que partiram e não conseguiram chegar até o final desta jornada, a Reinaldo Otaviano do Carmo (Mepawecü – etnia Tikuna) e a Benezete Soares da Silva (etnia. Mura). Abraços, onde quer que estejam. Seu apoio e amizade estiveram presentes em todos os momentos.

Não deixarei de agradecer também à Organização Geral dos Professores Ticuna Bilingües – OGPTB e à sua equipe de formação dos professores do nível fundamental, médio e superior e, em especial, à professora Maria Jussara Gomes Gruber, pelo seu esforço durante o Curso de Formação em Nível Fundamental e Médio.

Agradeço aos primeiros caciques e professores Tikuna que incansavelmente lutaram para promover a autonomia, ainda muito sonhada por todos nós; sem me conhecerem, me ajudaram a ultrapassar um grande obstáculo.

Quero agradecer, em memória, aos meus pais, Jacoba e Bruno e, em especial, a toda minha família e amigos pelo apoio incondicional que me deram, especialmente por fazerem parte das minhas memórias, mostrando que foram incansáveis. Sempre estiveram presentes em meu coração, sobretudo ao longo da elaboração deste trabalho.

Também agradeço a todos que, sem perceberem, explicavam e tiravam minhas dúvidas durante a minha observação dos moradores da comunidade de Arara na Colômbia e Bella Vista Callaru, no Peru, e Umariacu I, no Brasil. Sem eles, não poderia ter realizado minha pesquisa, nem obtido informações relacionadas ao levantamento de dados presentes nesta dissertação.

RESUMO

Esta dissertação está ligada ao estudo da variação linguística interna à língua Tikuna e lida com determinadas questões. Como descobrir quais são as particularidades lexicais, fonéticas e fonológicas da variação da língua Tikuna falada na tríplice fronteira Brasil, Peru e Colômbia? Como lidar com diferentes formas de falar em uma língua indígena tonal, como o Tikuna? Sabendo que nenhuma língua é estanque ou homogênea, como descobrir as variáveis relevantes em uma sociedade tão complexa como a Tikuna, que possui uma das maiores populações indígenas (senão a maior) do Brasil e que ocupa os mais amplos territórios no norte do país? Que variáveis estariam em jogo, relativamente ao Tikuna, na tríplice fronteira? Essas variáveis possuiriam também alguma relação com a variação linguística experimentada internamente pela língua Tikuna fora da situação de fronteira, dentro de cada país envolvido? Para lidar inicialmente com essas questões, escolhemos três aldeias Tikuna, na tríplice fronteira: Bella Vista Callaru (Peru), Arara (Colômbia) e Umariçu I (Brasil). Como ponto de partida, a nossa opção foi pela admissão da variação como um fenômeno normal ou condição do próprio sistema linguístico. Esta escolha foi acompanhada pela aceitação da heterogeneidade e pelo estudo da língua em seu existir concreto, histórico, social e plural. Os Tikuna são apresentados, a maior parte do tempo, sob um olhar interno ao próprio povo, de modo a tornar mais claro o seu modo de ser e suas concepções, buscando-se apresentar elementos que venham a ser explicativos para o entendimento, mais à frente, da variação linguística e para a compreensão do reconhecimento dos grupos de interação e das alianças, afinidades internas entre seus membros. A análise dos dados coletados e sua interpretação são acompanhados, nesta dissertação, de uma abordagem da consciência da variação linguística e seu papel nas escolas Tikuna.

Palavras-chave: Variação linguística; Língua Tikuna (Ticuna); Povo Tikuna (Ticuna); Tríplice fronteira; Amazônia.

ABSTRACT

This dissertation discusses internal linguistic variation within the Tikuna language and focuses on the following points: How might we discover the lexical, phonetical and phonological particularities in the Tikuna language spoken in the triple frontier Brazil, Peru, and Columbia? How does one deal with the different forms of speaking of a tonal language, as is Tikuna? Once we understand that languages are not static nor homogeneous, how will one discover the relevant variants in a society as complex as the Tikuna, which has one of the largest Indigenous populations (if not the largest) in Brazil and who live on the largest stretches of territories in the north of Brazil? What variables come to play, in relation to the Tikuna language, on the triple frontier? Do these variables hold any relation to the variables of the Tikuna language distant from the triple frontier, within each of the three countries involved? To begin to answer these questions, we chose three Tikuna villages, in the triple frontier: Bella Vista Callaru (Peru), Arara (Colombia) e Umariáçu I (Brazil). As a starting point, we understand that linguistic variables are a normal phenomenon and a part of the linguistic system itself. This choice is accompanied by the acceptance of the notion of heterogeneity and exists within a concrete historical, social and plural form. The Tikuna people are presented, most of the time, through the inner eyes of its people. To make their way of being and their concepts clearer, we search for elements that may explicit the understanding, further ahead, of the linguistic variables and may better highlight a comprehension and recognition of the people and of their internal alliances, and the affinities shared among the group members. The analysis and interpretation of the data collection are accompanied, in this dissertation, by the intent of creating an awareness of linguistic variables and its role in the Tikuna schools.

Keywords: Linguistic variables; Tikuna (Ticuna) language; Triple frontier; Amazon.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ILV	Instituto Lingüístico de Verano
FORMABIAP	Formación de Maestro Bilingüe de la Amazonía Peruana
OGPTB	Organização dos Professores Ticuna Bilingües
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena
ASP DES	aspecto desiderativo
INTENS	intensificador
LOC	locativo (lugar em)
NOMLZR	nominalizador
TOP	marca de tópico
1PS	primeira pessoa do singular
3P	terceira pessoa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO. MOTIVAÇÕES E RAZÕES DE SER DA PESQUISA

1 - MARCO TEÓRICO, TRABALHO DE CAMPO E METODOLOGIA

1.1 -Marco teórico

1.1.1- Um percurso histórico para a concepção de língua e variação linguística

1.1.2- A percepção da variação linguística pelos falantes Tikuna e atitudes linguísticas

1.2- O trabalho de campo e a metodologia

2- OS TIKUNA SOB UMA ÓTICA NATIVA

2.1 - A origem dos heróis culturais, do dia e do rio Solimões . Da existência de povos, grupos de pessoas e línguas diferentes

2.1.1- A origem, o mundo coberto pela samaumeira, o rio, os outros rios, os igarapés. O surgimento dos Tikuna e a existência de outros povos.

2.1.2 - Uma leitura nativa das indicações dadas no mito sobre povos e possibilidades ou não de interação

2.2 -A memória viva de tempos históricos. Observações sobre a vida na atualidade e a organização social Tikuna

2.2.1- Primeiros relatos dos viajantes e pesquisadores

2.2.2- Algumas observações sobre a organização social e aspectos do modo de vida na atualidade

2.3 -O calendário tradicional e o calendário das festas religiosas não- tradicionais entre os Tikuna

2.4- Visão nativa sobre a língua Tikuna

3- ALGUNS ASPECTOS DA LÍNGUA TIKUNA E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

3.1- Apresentação dos dados e Informações sobre a ortografia Tikuna. Correspondência entre representações

3.2- Variações fonético-fonológicas

3.2.1- Queda e alongamento vocálico

3.2.2- Variação fonológica por proximidade perceptual e/ou articulatória

3.2.2.1- Variação entre /o/ e /a/

3.2.2.2- Variação entre /ɨ/, /i/, /u/

3.2.2.3- Variação entre /ʌ/ e /ɨ/

3.2.3- Ditongação em estágio inicial

3.2. 4- Outros processos, outras variações: o que ainda não registramos

3.3- Variações lexicais

3.4- Empréstimos e sua adaptação ao Tikuna

3.5- Fatores da sociedade Tikuna importantes para o estudo da variação linguística

4- A CONSCIÊNCIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SEU PAPEL NAS ESCOLAS TIKUNA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

INTRODUÇÃO. Motivações e razões de ser da pesquisa

Esta dissertação está ligada a um projeto maior vinculado ao estudo da variação linguística¹, sendo também parte do meu percurso pessoal.

Os fatos da minha vida acadêmica estão em conformidade com as minhas lembranças, às quais procurarei ser o mais fiel possível.

Sou Tikuna pertencente à nação (clã) waiyu (waiyucüã’ ‘clã do piuri²’). Meu nome, na língua Tikuna, é Mecüracü rü Tchai’erucü ‘*Aquele que tem rabo bonito e cabelo crespo*’. Com 10 (dez) irmãos, sou o filho mais novo de Jacoba Gomes Bitencourt e Bruno Gomes Serra. Nasci em 31 maio de 1975, na comunidade indígena de Cushillo Cocha³, município de Caballo Cocha⁴, Departamento de Loreto, Peru. Comecei a estudar na escola “**Pastor Valencia Penha**” nº 64479 de Cushillo Cocha, aos 7 (sete) anos de idade. Aos 19 (dezenove) anos de idade, em 1994, terminei meu ensino médio no Colégio “**Miguel Acosta Oyarce**” (MAO) de Caballo Cocha (Peru)⁵. Entrei em um Instituto Superior Tecnológico de Caballo Cocha. Nessa época, os meus pais já passaram a morar na Aldeia de Umariçu I, no município de Tabatinga, estado do Amazonas, Terra Indígena Eware I, no Brasil. E, por falta de recursos econômicos, fui morar com eles. Quando cheguei em Umariçu, fui para Letícia em busca de trabalho e passei um tempo nesta cidade, que, situada no Departamento do Amazonas, na Colômbia, faz fronteira por terra com Tabatinga, no Brasil. Depois, por convite dos meus avós maternos, voltei de novo para a comunidade de Umariçu I, onde fui registrado como se tivesse nascido nesta comunidade. No mesmo ano, fiz prova, via exame supletivo, para poder obter o meu documento de término do meu ensino fundamental e médio no Brasil, tendo sido aprovado nos dois níveis⁶. Na época, eu trabalhava em Letícia, na casa de uma família

¹ Projeto LÍNGUAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA: VARIAÇÃO, COGNIÇÃO E ESTUDOS DE FONOLOGIA, GRAMÁTICA E HISTÓRIA (Coordenação: Marília Lopes da Costa Facó Soares (UFRJ)).

² O piuri é uma espécie mutum. É o mesmo que mutum-fava ou mutum-de-fava (crax globulosa (espécie)).

³ Cushillo Cocha ‘Lago da Faca’.

⁴ Caballo Cocha ‘Lago do Cavalo’.

⁵ Concluí o meu ensino médio com 19 anos porque fui afastado da escola por falta de tênis para fazer educação física, mas isto nunca me fez regredir e desistir dos meus objetivos, o que devo, principalmente, à minha mãe, que sempre me incentivou.

⁶ Devo dizer que nunca pensei em buscar a revalidação, no Brasil, dos cursos anteriores que tinha feito no Peru.

colombiana, como cuidador de casa. Os donos da casa (o chefe da família e sua mulher) tinham dois filhos, uma moça e um rapaz, sendo que a moça já possuía duas crianças pequenas. Espontaneamente, eu ajudava as duas crianças em seus estudos, sem que nenhum adulto me tivesse pedido isso. As crianças gostavam das minhas explicações e passaram, elas sim, a me pedir ajuda. Quando os donos da casa perceberam que eu sabia ler e escrever, me chamaram para trabalhar no hotel deles, como ajudante na recepção (recepcionista) - o que considero como meu primeiro emprego.

Em 1997, aos 22 (vinte e dois) anos, recebi um convite para trabalhar no Museu Magüta, museu Tikuna localizado na cidade de Benjamin Constant, cidade essa banhada pelo rio Javari e à qual eu chegava após atravessar o rio Solimões, em uma viagem de cerca de duas horas em uma canoa compartilhada com outras pessoas (uma espécie de ‘lotação’ aquática), em que cada um paga a sua própria passagem. A canoa era aquela com motor de 8 HP (o chamado “pek- pek” ou motor rabeta), que desenvolve pouca velocidade. Eu fazia essa viagem uma vez por semana, saindo de Tabatinga às segundas-feiras e retornando a essa cidade às sextas-feiras, uma vez que eu continuava a morar em Letícia, com a família que me dava abrigo, que mantinha o meu emprego no hotel, onde eu ainda trabalhava nos finais de semana, e que me liberava para trabalho no Museu Magüta e para continuar a estudar durante os dias úteis da semana.

No Museu Magüta, eu era um colaborador que tinha por função receber e guiar turistas, dando explicações em espanhol sobre o Museu. Como colaborador, também recebia não indígenas falantes de português, além de indígenas Tikuna de deferentes comunidades e indígenas de outras etnias que visitavam o Museu Magüta, alguns para vender artesanato⁷. O meu trabalho no Museu Magüta é o que considero como meu segundo emprego. No ano de 1998, fui convidado a realizar um curso específico para professor, o curso de formação de professores Tikuna, oferecido pela Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngues – OGPTB. Quem me convidou foi o professor Reinaldo Otaviano do Carmo (Mepawecü ‘*Aquele que tem bico bonito*’; ngunücüa ‘clã de mutum’), que eu considero como irmão e amigo, por ele fazer parte da minha vida profissional. O professor Reinaldo, que vinha, na época, de São Paulo de Olivença, havia sido recentemente escolhido como representante da OGPTB junto à FUNAI, na sede administrativa em Tabatinga. Foi recebido, primeiramente, na casa dos meus avós

⁷ Os indígenas de outras etnias que iam ao Museu Magüta para vender artesanato, eram, sobretudo, os Marubo e os Matis, grupos Pano habitantes do Vale do Javari, no estado do Amazonas.

maternos, tendo ido, depois, morar na casa de minha mãe. A aproximação entre mim e o professor Reinaldo se deu, primeiramente, por uma afinidade clânica, sendo que foi ele quem me estimulou a prosseguir com os meus estudos. Nesse tempo, fiz o curso de formação de professores Tikuna (que se dava por etapas concentradas em determinadas épocas do ano, nos períodos de férias / recessos escolares), mantendo, nos demais períodos do ano, minhas atividades no Museu Magüta.

Quando terminou o projeto no Museu Magüta, como eu já tinha curso de preparação para trabalhar na escola, fui contratado, no ano 2000, como professor no município de Tabatinga, na Escola Municipal São José, na Comunidade de Pena Preta, Igarapé Tacana, onde trabalhei por dois anos, na condição de contratado, como professor de turma multisseriada.

Em 2002, fui convidado, por Constantino Ramos Lopes (Füpeatücü *'Aquele que tem asa virada'*; ngünücüã 'clã mutum'), para trabalhar na área de São Leopoldo, no município de Benjamin Constant, como professor de espanhol, porque tinha prática e sabia escrever e ler espanhol, por ter estudado no Peru. Em 2003, terminei o meu ensino médio, desta vez pelo Curso de Formação dos Professores Indígenas do Alto Solimões, com habilitação para o magistério (curso da OGPTB). Logo em seguida, fui selecionado, via vestibular, para o curso de Pedagogia, oferecido pela FACED (Faculdade de Educação), vinculada à Universidade Federal do Amazonas – UFAM. No entanto, apesar de quatro períodos cursados, não desejei finalizar Pedagogia, por falta de identificação com a área. Assim, optei por continuar os meus estudos de outra forma. Participei, então, em 2005, do processo seletivo recém iniciado pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA.

Foi assim que cursei o nível superior, tendo optado por me dedicar à área de linguagem. O que me motivou para estudar a língua Tikuna foi a conversa marcante que tive com um ancião monolíngue no igarapé Tacana. Esta foi a conversa com o ancião Ticuna no igarapé Tacana, conversa que tive quando, indo por um caminho com uma turma de meus alunos, passei em frente à casa dele e ele nos convidou para tomar mingau de banana em sua casa:

Ele me fez uma pergunta dizendo:

- Nge'ta cu>? ('Aonde você vai?')

Eu respondi :

- *Yurawa bu#güma'ã* ('Vou buscar paxiúba com os meninos')

A resposta que ele me deu foi:

- *Baita nucü cuãtchire# tchita naãwa*

Na resposta que ele me deu houve duas formas que eu não tinha entendido, talvez porque não fazem parte do meu vocabulário: **ãtchire** e **ãwa**. O fato de essas duas formas serem desconhecidas para mim comprometeu o meu entendimento de toda a frase do ancião, fazendo com que eu me sentisse em uma situação de estranhamento em relação a uma língua que falo fluentemente. Sem entender o que ele me dizia, respondi simplesmente:

- *Marü ni ã* ('Já é' = 'Está bem')

Hoje sei que o ancião Tikuna estava me dizendo, na frase que eu não tinha entendido, algo que em português seria '*Ixe! Você com certeza vai conseguir, [tem] várias [paxiúba]*'. Assim, apesar de ser falante fluente na língua Tikuna, me dei conta de que havia algumas palavras que eu não entendia. E nasceu em mim a curiosidade e o interesse em querer aprender mais sobre a minha própria língua. No ensino superior, optei pela área de linguagem com Habilitação em Língua Portuguesa, Espanhola e Tikuna, o que me abriu mais uma oportunidade para poder realizar a minha formação acadêmica.

No segundo semestre de 2015, participei do processo seletivo do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas (PROFLLIND), da UFRJ, tendo sido classificado para integrar a primeira turma desse Curso, iniciada no primeiro semestre de 2016.

A narrativa do meu percurso pessoal mostra que a diversidade linguística sempre se fez presente na minha vida. Nasci entre fronteiras linguísticas: o espanhol foi a língua estrangeira que adquiri na infância, sendo que, também na infância, adquiri o Tikuna, porque, em casa, minha mãe exigia que todos falassem com ela a única língua que ela entendia: o Tikuna. E isso fez com que toda a minha família falasse Tikuna e assim permanecesse até os dias de hoje, independentemente de onde estejamos eu e meus

irmãos⁸. Por um acaso da vida, também experimentei cedo a passagem por fronteiras geográficas (Peru, Brasil e Colômbia), étnicas e sociais (ao auxiliar crianças hispâno-falantes em seus estudos no contexto de uma família colombiana). Viver entre fronteiras, passar por fronteiras foi algo que me ajudou a escolher o tema desta dissertação, que me trouxe, desde que iniciei este trabalho, determinadas questões.

Como descobrir quais são as particularidades lexicais, fonéticas e fonológicas da variação da língua Tikuna falada na tríplice fronteira Brasil, Peru e Colômbia? Como lidar com diferentes formas de falar em uma língua indígena tonal, como o Tikuna? Sabendo que nenhuma língua é estanque ou homogênea, como descobrir as variáveis relevantes em uma sociedade tão complexa como a Tikuna, que possui uma das maiores populações indígenas (senão a maior) do Brasil e que ocupa os mais amplos territórios no norte do país? Que variáveis estariam em jogo, relativamente ao Tikuna, na tríplice fronteira? Essas variáveis possuiriam também alguma relação com a variação linguística experimentada internamente pela língua Tikuna fora da situação de fronteira, dentro de cada país envolvido?

Essas não são questões simples e, para iniciar o nosso trabalho, escolhemos três aldeias Tikuna, na tríplice fronteira: Bella Vista Callaru (Peru), Arara (Colômbia) e Umariçu I (Brasil). O modo como realizamos nossa pesquisa, desenvolvemos nossa análise e chegamos aos nossos resultados pode ser visto ao longo dos 4 (quatro) capítulos desta dissertação.

Após a Introdução, em que apresentamos as motivações e as razões de ser de nossa pesquisa, no capítulo 1, ao falarmos do marco teórico, do trabalho de campo e da metodologia empregada, deixamos claro que a nossa opção foi pela admissão da variação como um fenômeno normal ou condição do próprio sistema linguístico. Esta escolha foi acompanhada pela aceitação da heterogeneidade e pelo estudo da língua em seu existir concreto, histórico, social e plural.

No capítulo 2, buscamos apresentar os Tikuna, a maior parte do tempo, sob um olhar interno ao próprio povo, de modo a tornar mais claro o seu modo de ser e suas concepções, buscando apresentar elementos que venham a ser explicativos para o

⁸ Quatro irmãs e dois irmãos meus moram no Peru, em comunidades Tikuna. Um irmão mora na Colômbia, na cidade de Letícia. Duas irmãs e um irmão moram em Manaus, capital do estado do Amazonas, Brasil. Todos falam Tikuna dentro de suas próprias casas, sendo que nos comunicamos sempre, pela internet e pelo telefone, na língua Tikuna. Também nos visitamos com frequência.

entendimento, mais à frente, da variação linguística e para a compreensão do reconhecimento dos grupos de interação e das alianças, afinidades internas entre seus membros.

Quanto ao capítulo 3, esse se encontra voltado para a língua Tikuna, a análise dos dados coletados e sua interpretação. Já no capítulo 4, abordamos a consciência da variação linguística e seu papel nas escolas Tikuna. Nas considerações finais, apresentamos nossas conclusões e falamos das perspectivas futuras de continuidade de nossos estudos.

A variação linguística é uma característica inerente das línguas naturais, e o Tikuna não é uma exceção. O grande povo Tikuna possui membros espalhados em três países: Brasil, Peru e Colômbia. Somados os dados da SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena) para o lado brasileiro e aqueles existentes para o Peru, conforme depoimento (comunicação pessoal) de Mercedes Serra Witancourt⁹, além dos dados atualizados que obtive, também por comunicação pessoal, junto ao professor Abel Angarita, para a Colômbia, os Tikuna totalizariam, atualmente, 75.524 mil indivíduos.

Uma parte do grande povo Tikuna interage na fronteira dos três países mencionados, onde membros de determinadas comunidades Tikuna convivem entre si e, ainda, com outras culturas ocidentais e amazônicas. Trata-se de uma situação de contatos múltiplos e constantes, cujo grau de intensidade e cujos efeitos ainda não foram estudados. Dando os primeiros passos neste sentido, buscamos apresentar, no presente trabalho, um estudo preliminar da variação interna à própria língua Tikuna, tal como essa se dá na tríplice fronteira mencionada. Com isso, queremos dizer que não será bem analisado aqui o grau de contato do Tikuna com as línguas “oficiais” dos países onde o Tikuna é falado.

Os estudos linguísticos realizados sobre o Tikuna estão mais voltados, até o momento, à sua descrição fonética, fonológica, morfossintática e sintática. A ideia de estudar a variação existente nesta língua, na tríplice fronteira Brasil, Peru e Colômbia, tem como sua primeira finalidade a constituição de um melhor conhecimento sobre as formas mais visíveis da variação linguística interna à própria língua Tikuna. Uma outra finalidade é contribuir para a percepção, inclusive pelos próprios Tikuna, de que a língua

⁹ Mercedes Serra Witancourt (Pocürana ‘*Aquela que tem rabo branco*’; ‘clã do piuri’ (ver nota 2) é minha irmã. É professora indígena, graduada em Pedagogia no Peru, onde mora. Trabalhou na formação de professores indígenas no Peru, sendo, atualmente, supervisora de professores Tikuna.

é afetada pelos usos linguísticos de seus falantes, o que inclui as situações de contato internas ao próprio grande grupo Tikuna, além do contato de seus membros com falantes de outras línguas. É também nosso propósito o de que a pesquisa apresentada venha a ajudar na argumentação e na defesa de que a língua Tikuna está viva e é usada para uma intensa comunicação entre os Tikuna, podendo ampliar seus espaços de uso, para além das próprias comunidades Tikuna. Esperamos também que o nosso trabalho, assim como outros sobre a língua Tikuna, possam contribuir, a partir de seus resultados, para o seu ensino nas escolas e para os pesquisadores da língua.

1-Marco teórico, trabalho de campo e metodologia

1.1 Marco teórico

Podemos dizer que, no estudo linguístico, não existe uma variedade linguística melhor do que outra, nem mais bonita, nem mais certa que outra. Assim, não podemos ver estas variedades com preconceito, mas sim como uma riqueza linguística.

Assumindo, então, que a variação e a mudança fazem parte de qualquer língua do mundo, podendo ser percebidas por falantes nativos, passamos a apresentar o marco teórico que utilizamos para a nossa pesquisa.

1.1.1- Um percurso histórico para a concepção de língua e variação linguística

Há referenciais teóricos que dão aval a esta pesquisa e que apresentam alguns conceitos relacionados à variação linguística. Para entendermos e compreendermos melhor o conceito de variação linguística que está na base deste trabalho, mencionamos brevemente um histórico de visões de língua que já passaram pelas ciências linguísticas.

O livro *Curso de Linguística Geral*, de autoria de Ferdinand de Saussure, desde a sua primeira publicação (como obra póstuma) marcou o início da Linguística como ciência, introduzindo um modelo teórico reproduzido por diversas correntes durante décadas.

Saussure teve como objeto da investigação a língua compartilhada pelos membros de uma comunidade linguística como um todo, independentemente do indivíduo. Dessa forma, a língua estudada era construto homogêneo, porque não se tratava da língua real, falada no dia-a-dia, nem de uma língua que contemplava o seu existir histórico social. O universo da linguagem definida como um conjunto de manifestações imediatas do fenômeno linguístico seria descartado em função de seu caráter heterogêneo e plural. Com esta visão, Saussure excluiu de seus estudos as questões socioculturais e ideológicas que constituem o sujeito e sua língua.

Saussure idealizou caracterizações relacionadas às distinções de língua. E disse que a língua é única e igual (homogênea), diferente do que é real como fala, diferente do que existe na realidade, ou seja, daquilo que é realizado no uso social da língua. Do lado social da linguagem, fica apenas a língua como parte essencial para a Linguística. Já a fala, enquanto manifestação da linguagem individual, variável e heterogênea, fica descartada do conceito de língua dado por ele, juntamente com a variação linguística. Ao separar a língua do seu existir concreto, Saussure precisa separá-la também de sua história, ignorando o seu processo de mudanças ou transformação. Para isso, Saussure fez uma outra proposta da separação lógica de conceito, que é a da *sincronia*, em que esta se ocupa de um estado da língua, uma abstração através da qual a língua é imobilizada em determinado tempo, contrariamente à *diacronia*, que considera que na língua ocorrem mudanças históricas.

Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência da diversidade ou da variação. Podemos dizer que toda comunidade é caracterizada pelas diferentes formas de falar – variedades linguísticas, assim, podemos confirmar que qualquer língua, falada por um grupo de pessoas, sempre apresenta variedades. E que a língua não se apresenta como entidade homogênea, sendo todas as línguas representadas pelo conjunto de suas diversidades, que não podem ser separadas - o que não é um problema, mas sim uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico, isto é, as diferentes formas de dizer a mesma coisa são parte do fenômeno linguístico.

Ao se ver a língua como um sistema heterogêneo, há importantes entendimentos que colocam a variação linguística como foco de análise do processo de organização da língua. A variação pode resultar da influência de vários fatores linguístico ou extralinguísticos: como origem geográfica, idade, grau de escolarização, ao lado de outros fatores, além de um estilo pessoal, porque cada indivíduo é único, possuindo uma maneira própria de falar.

Considerando a variação como um fenômeno normal ou condição do próprio sistema linguístico, precisamos levar em consideração, ainda, a variação dos fatos linguísticos observados ao longo do tempo, o que significa falar da sua natureza e da sua difusão. Ou seja, o que se fala hoje pode ter existido de diferentes formas no passado. Considera-se que uma variação pode ter sido ou estar registrada, mas que pode não ser

mais usada. Ou também que pode ter havido a criação de palavras novas em uma língua, palavras usadas ou faladas por uma geração diferente; ou ainda que se possa estar diante do resultado de transformações havidas durante uma determinada época, inclusive por efeito de contato linguístico. Tudo isto nos prova que a língua falada não é intacta: ela é dinâmica e não muda para melhor e nem pior.

Ao escolhermos o marco teórico para a nossa pesquisa, nossa opção é aqui pela admissão da variação como um fenômeno normal ou condição do próprio sistema linguístico. Esta escolha é acompanhada pela aceitação da heterogeneidade e pelo estudo da língua em seu existir concreto, histórico, social e plural. Assim, ao focalizarmos a variação linguística interna à língua Tikuna na fronteira Brasil, Peru e Colômbia, procuraremos não nos prender a “zoneamentos” dialetais, que uma língua em “subterritórios” delimitados por cruzamentos de isoglossas ¹⁰. Como toda língua é dinâmica, o nosso investimento de pesquisa vai na direção da busca pelos fatores que levam à variação e sua natureza, buscando entender a realidade em que se move o povo Tikuna e suas concepções, no quadro de um dinamismo que envolve e afeta a sua própria língua.

1.1.2- A percepção da variação linguística pelos falantes Tikuna e atitudes linguísticas

Como aparece em mais de um ponto deste trabalho, a língua, para o povo Tikuna, é definida como: **taga** ‘*nossa voz, nossa fala*’ ou **nhamanaga** ‘*esta língua*’, ou **nhoma i naga** ‘*esta língua*’. Partindo deste ponto de vista tradicional, podemos dizer que já existe um entendimento interno à sociedade Tikuna com relação à própria língua: os próprios falantes percebem que existe uma variação linguística; percebem também que a sua língua está em transformação, mudança, o que, na maioria dos casos, nem sempre é visto como uma coisa positiva.

A prova desta percepção está no fato, muito comum, de que, quando um falante Tikuna do lado brasileiro começa a se expressar e usa a forma **taga** ‘*nossa voz, nossa fala*’, esse falante já é identificado como uma pessoa que vem do lado brasileiro, sendo que esse falante também pode ser chamado de **tawaamacüã** ‘*que vem do lado onde o rio desce*’ - expressão somente usada para os Tikuna, já que um brasileiro não-Tikuna será

¹⁰ Isoglossa é uma “Linha geográfica que se traça em um atlas linguístico para assinalar os pontos onde vigora certo traço linguístico (fônico, morfológico, léxico ou sintático)” (Michaelis. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa; cf. <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=7me7Q>).

considerado **tagu arü naanecüã** ‘*originário da terra rio abaixo*’ ou **tagucüã** que significa ‘*com origem rio abaixo*’. Já os Tikuna que usam a expressão **nhama naga** ‘*esta língua*’ são identificados como moradores do lado colombiano, o mesmo acontecendo com aqueles que utilizam a expressão **nhoma i naga** ‘*esta língua*’ e que por isso, são vistos como falantes Tikuna pertencentes ao lado peruano. Com relação à visão que os Tikuna do lado brasileiro têm do conjunto daqueles que vivem do lado da Colômbia e do Peru, essa visão também aponta para uma diferença relacionada ao rio: os Tikuna desse conjunto são conhecidos como **dauquenacüã’gü** ‘*que vêm da nascente do rio*’.

Como sabemos que qualquer língua do mundo não é intacta e está sujeita à mudança, podemos compreender que uma língua está em constante modificação em sua fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, o mesmo acontecendo com os usos linguísticos. Quanto à percepção dos falantes nativos que não tiveram acesso a conhecimentos de Linguística e que fazem parte de um conjunto que chamaremos de falantes tradicionais, podemos dizer, com uma visão sócio-cultural, que esses têm a preocupação com a perda ou a “tikunalização” de várias palavras ou expressões provenientes de outras línguas, que entram juntamente com a tecnologia no mundo Tikuna. Por exemplo, no lado colombiano, a palavra para escola, que no lado brasileiro é **nguepata#[□□□pata□□]** ‘*casa de estudo*’, é **itchicuera** [it□ikue□a] e do lado peruano é **nguetatchica** [□□□ta□t□ika] ‘*lugar de estudo*’ que é uma adaptação fonológica, isto é, uma “tikunalização” da palavra do espanhol *escuela*. Falantes tradicionais consideram esta adaptação como distorção, demonstrando uma preocupação com o que entendem ser uma mudança que pode levar à perda da língua. Essa não é uma preocupação de todos os falantes mais tradicionais, mas também dos pesquisadores Tikuna que iniciam suas investigações sobre sua própria língua.

Embora importante e pertinente à nossa opção teórica, o tema das atitudes lingüísticas não será plenamente desenvolvido aqui, tendo em vista o investimento que isso demandaria e as limitações de espaço e tempo associados a uma dissertação de mestrado.

1.2 O trabalho de campo e a metodologia

Os Tikuna conservam a sua língua materna, por eles denominada **taga** ‘*nossa voz, nossa fala*’ ou **nhamanaga** ‘*esta língua*’, ou **nhoma i naga** ‘*esta língua*’. Neste caso,

identificam-se como um grupo que tem uma voz, ou seja, uma língua em que podem se comunicar.

Para podermos levantar algumas hipóteses e chegarmos a algumas conclusões sobre a língua Tikuna falada na tríplice fronteira Brasil, Peru e Colômbia, consideramos necessário combinar dois ângulos de abordagem. Primeiro, abordar as principais características e modo de ser do povo Tikuna que pudessem nos levar a identificar os fatores relevantes para a variação linguística entre os Tikuna. Segundo, focalizar determinadas características linguísticas em variação interna à língua Tikuna.

As informações contidas nesta dissertação foram obtidas nos três países, através de diálogos diretos com consultores falantes nativos e/ou contadores de histórias que sabem da tradição do povo Tikuna. As aldeias em que realizamos trabalho de campo, com coleta de dados primários, foram: Arara (Colômbia), Bella Vista Callaru (Peru) e Umariáçu I (Brasil).

No mês de março de 2017, visitei a comunidade de Bella Vista Callaru. No mês de abril de 2017, fiz o levantamento em Umariáçu I, aproveitando a semana dos povos indígenas, que sempre é realizada na aldeia. Já o trabalho de campo em Arara, na Colômbia, foi realizado em janeiro de 2018. Com a finalidade de obter informações e sem me apresentar como pesquisador, usei principalmente o método da observação participante, para poder observar a fala das pessoas, através de conversações diretas, interagindo pessoalmente com os falantes, como um dos visitantes em um circuito de eventos Tikuna. A observação participante é uma das faces do método etnográfico, do qual fazem parte a elaboração de um diário de campo e as anotações relativas a dados, observações feitas pelo pesquisador em campo, assim como anotações de comentários realizados pelos membros da comunidade cuja fala e atuação o pesquisador observa. Recorri às anotações em caderno, mas não cheguei a elaborar um diário de campo, embora essa elaboração permaneça como possibilidade para futuros trabalhos de campo.

A seguir, apresentamos as comunidades escolhidas, que ficam próximas à fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru.

ARARA

A aldeia de Arara na Colômbia localiza-se no sul da Colômbia, no município de Letícia em fronteira por terra com o Brasil. Segundo Angarita (2005: 34), a reserva Tikuna de Arara é a maior área de reserva do sul da Colômbia com uma extensão com

12.308 hectares reconhecido pelo INCORA (Instituto Colombiano de Reforma Agraria) por meio da resolução N° 092 de 27 de julho de 1982 . Esta fica localizada a 25 km de Letícia, por via terrestre ou fluvial. Em 2005, Arara contava com aproximadamente 679 habitantes, sendo que a maioria é Tikuna e uma minoria, Yaguas.

O levantamento de dados que fizemos na aldeia Arara, em janeiro de 2018, se deu durante uma festa da moça nova, em diálogo com vários moradores, participantes da festa.



Mapa 01. Localização da aldeia Arara (Colômbia). A parte em azul no mapa (parte do Trapézio Amazônico) diz respeito à Colômbia, estando aí assinaladas em marrom as áreas Tikuna. A parte referente ao Brasil encontra-se à direita, em verde no mapa. A parte relativa ao Peru, também em verde, embaixo e à esquerda no mapa. (Fonte: www.google.com.br/search?rlz=1C1GCEA_enBR798BR798&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=iiJVW-WMJMWiwATJ0YjoCA&q=Localizacion+de+municipio+de+leticia+trapezio+amazonico+y+comunidades++indigena+Ticuna+Arara+amazonas+Colombia&oq=Localizacion+de+municipio+de+leticia+trapezio+amazonico+y+comunidades++indigena+Ticuna+Arara+amazonas+Colombia&gs_l=img.3...224364.259674.0.262291.26.26.0.0.0.0.492.2868.0j12j2j0j1.15.0...0...1c.1.64.img..11.0.0...0.xGg4PGLHXhM#imgsrc=PDT7xSJPR3CjzM:

BELLA VISTA CALLARU

A aldeia de Bella Vista Callaru, no Peru, localiza-se em um igarapé chamado Quebrada Callaru, que faz parte da jurisdição do distrito de Javari. É considerada uma das maiores comunidades Tikuna do lado peruano, com aproximadamente 2.000 habitantes, sendo que a maioria dos moradores pertence à religião protestante.

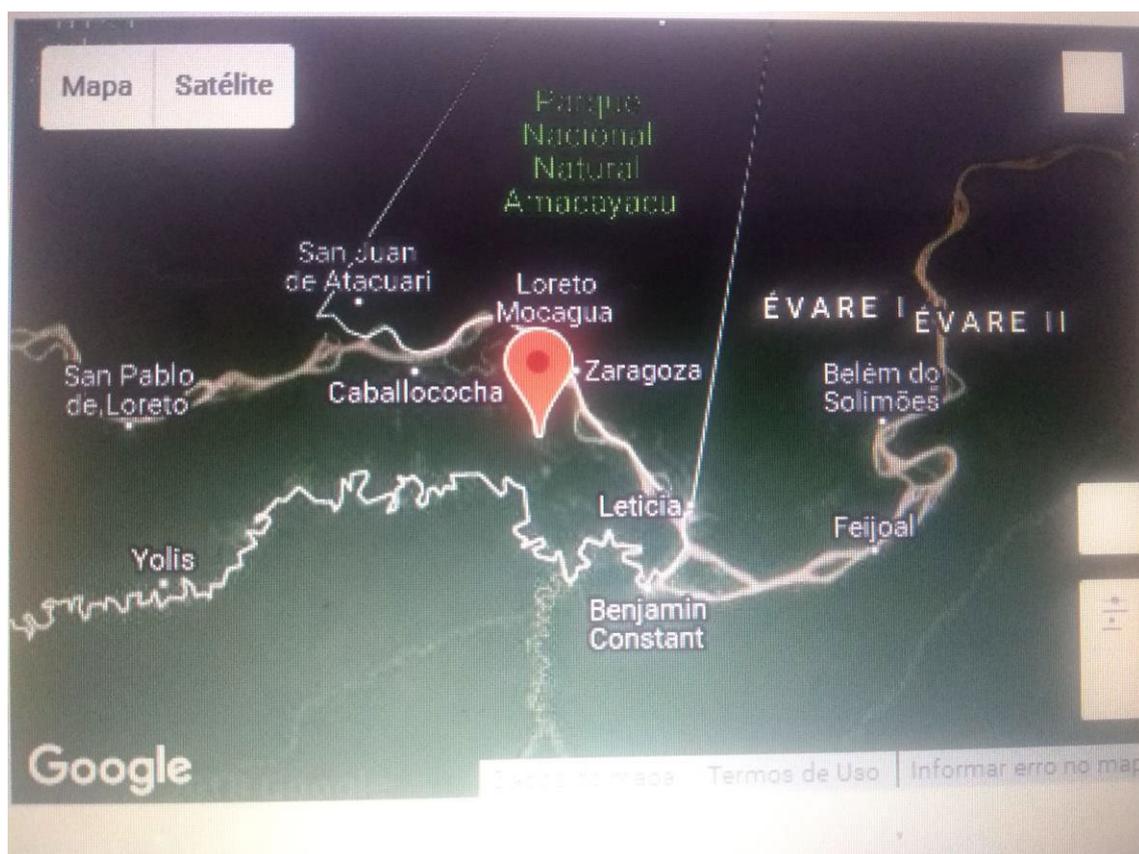
“La localidad de Bellavista Callaru, se encuentra ubicada en el distrito de Ramón Castilla, provincia de Ramón Castilla, departamento de Loreto. Tiene una longitud 70°15'02.64"W y latitud 4°03'20.34"S. Para llegar a esta localidad se tiene que partir desde Caballo cocha en Peque peque (duración de la vía 8 horas). Su medio de transporte en la localidad es en lancha (fluvial). Tiene como localidades cercanas Buen Jardín, Nueva Jerusalén, el Paraíso, Yahuma Callaru 1ra y 2da zona, San Francisco de Arica, Puerto Alegre, Puerto Cuwai y Barranco.

Los productos cosechados son comercializados en la frontera (Letícia y Tabatinga). Se pueden degustar los potajes típicos, como: ahumado de carachama, mazamorra de arahuana, timbuche de tucunare, entre otros. Fue creado como Comunidad el 06 de Octubre del 1964 y como Centro Poblado el 20 de Diciembre del 2013”. (fonte: <http://www.integracionamazonica.pe/us/>)

Existem tipos de eventos nas aldeias que são como uma festa de confraternização das comunidades de vários locais. Foi através da festa da igreja protestante, em um aniversário da igreja no mês de março 2017, que tivemos a oportunidade de chegar até esse local e participar diretamente da festa, como visitante desta comunidade. Os moradores desta aldeia são provenientes de outras comunidades como Cushillo Cocha, Bufo Cocha, Erene, havendo um grupo proveniente de igarapé Tacana, município de Tabatinga, Brasil. Não observei alguém da Colômbia que morasse nesta aldeia.

Nos dois mapas a seguir, pode-se ver, respectivamente: (i) a localização da aldeia Bella Vista Callaru, no Peru, e sua proximidade relativa às cidades de Letícia (Colômbia) e Benjamin Constant (Brasil) (Mapa 02¹¹); (ii) a província de Ramón Castilla, no Peru, onde se localiza a aldeia Bella Vista Callaru (Mapa 03).

¹¹ Cf. <http://www.integracionamazonica.pe/us/>.



Mapa 02: a localização da aldeia Bella Vista Callaru, no Peru



Mapa 03: A região de Loreto, no Peru, e suas províncias, entre as quais Ramón Castilla, onde está situada a aldeia Bella Vista Callaru

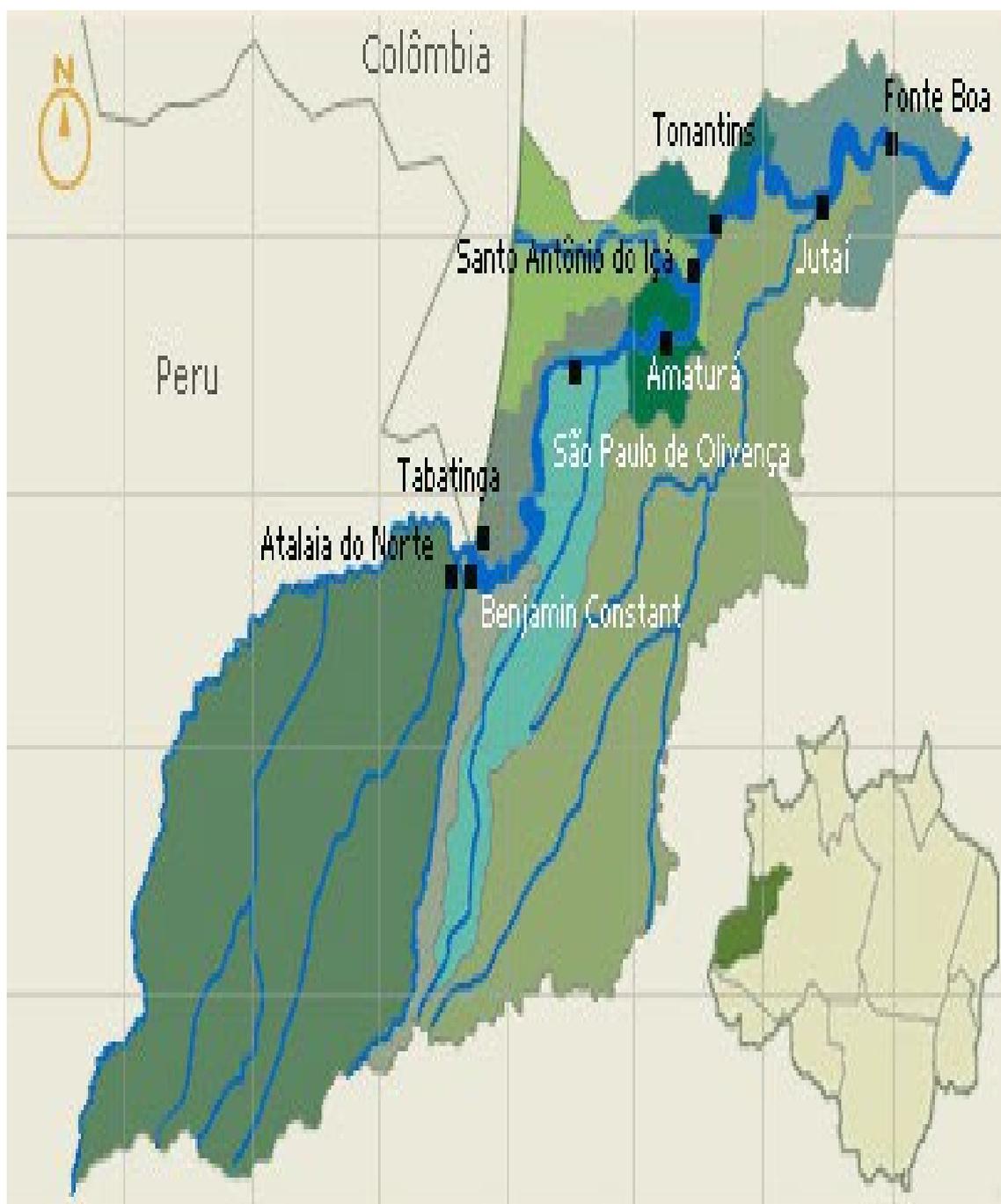
(Fonte:

www.google.com.br/search?q=mapa+division+politica+region+loreto+y+sus+provincias&rlz=1C1GCEA_enBR798BR798&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjtoTPh7TcAhXIEJAKHcS1BYEQ_AUICigB&biw=1366&bih=662#imgrc=larqghIGKnryVM:)

UMARIAÇU I

A aldeia de Umariáçu I está situada na terra indígena Eware I, no município de Tabatinga, Amazonas. Localiza-se a 3 km da sede do município de Tabatinga e a 1500 km de Manaus, capital do Estado do Amazonas possuindo uma população de, aproximadamente, 2.800 habitantes (informação dado da SESAI- Secretaria Especial de Saúde Indígena). O meio de locomoção se dá através de via aérea e fluvial, sendo esta última a mais procurada devido ao alto custo da passagem aérea. Seus meios de sustentabilidade vêm da agricultura familiar e da pesca. Nesta comunidade, existem diversos migrantes de diferentes comunidades Tikuna no Brasil, como Belém do Solimões, Vendaval, Betânia e, ainda, do igarapé de Belém e outras localidades dos municípios do lado brasileiro. Também tem vários migrantes que vêm do lado peruano, como Cushillo Cocha, Erene, Bella Vista, Arica, Chineria e outros como Muchila; e, do lado colombiano, de Arara, Los Lagos, Nazareth, Macedônia e outros. Além de proximidade da cidade de Tabatinga, os moradores mantêm muito a tradicional festa da Moça Nova e outras da cultura Tikuna.

Podemos ressaltar que, nas aldeias localizadas pelo lado brasileiro, existem pessoas que ainda mantêm a tradição da cultura Tikuna. Há aí também grupo pertencente a igrejas protestantes e outras religiões, além de grupo de pessoas já escolarizadas. No lado peruano, praticamente a maioria é de evangélicos, sendo que somente as pessoas mais idosas são monolíngues. No lado colombiano, já é um pouco diferente, porque ainda existem pessoas que são isoladas, ou seja, que têm pouco contato com a sociedade envolvente e sua tecnologia.



Mapa 04 Área do Alto Solimões no Brasil. (Fonte:

https://www.google.com.br/search?rlz=1C1GCEA_enBR798BR798&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=ijJVW-WMJMWiwATJOYjoCA&q=mapa+alto+solimoes+brasil+amazonas&oq=mapa+alto+solimoes+brasil+amazonas&gs_l=img.3...10958.34591.0.35984.105.50.0.1.1.0.406.7185.0j22j11j2j1.36.0....0...1c.1.64.img..77.11.2267.0..0j35i39k1j0i67k1j0i8i30k1j0i24k1.0.JFXHmUfg_x0#imgrc=ZVWcsjxYIIDkPM:

Estudar a variação linguística no interior do Tikuna não é simples e não é fácil. Em primeiro lugar pela grande extensão territorial ocupadas pelas comunidades Tikuna, o que já cobre, atualmente, 13 (treze) municípios do estado do Amazonas, no Brasil: 1. Tabatinga; 2. Benjamin Constant; 3. São Paulo de Olivença; 4. Amaturá; 5. Santo Antônio do Içá; 6. Tonantins; 7. Fonte Boa; 8. Jutai; 9. Tefé; 10. Coari; 11. Beruri; 12. Anamã; 13.

Manaus (a ordem dos municípios é aquela existente no espaço amazônico brasileiro).

Essa grande extensão territorial aumenta, quando passamos a considerar o espaço ocupado fora do Brasil. No sul da Colômbia, o chamado departamento do Amazonas abrange os municípios de Leticia, Porto Narinho e Tarapaca, com um total de 68 aldeias e aproximadamente 9.000 habitantes (segundo informação do professor Abel Angarita¹²).

No Peru, há comunidades Tikuna na região Loreto, na província de Ramon Castilla, nos municípios de Caballo Cocha, distrito de Islândia e na província de Maynas, município de Iquitos. No Peru, são 19 comunidades Tikuna que somam 8.000 habitantes aproximadamente (segundo informação da Professora Mercedes Witancourt Serra¹³). No Brasil, há 141 aldeias com estimativa de 58.524 habitantes (fonte dados da SESAI – Alto Solimões).

Durante a nossa pesquisa, com poucos recursos para realizar o trabalho de campo, as dificuldades foram muitas. Em primeiro lugar, para entrar em uma aldeia, temos que ter recursos logísticos e materiais para fazer o levantamento. Além disso, há falta de interesse por parte de políticos para este tipo de trabalho tão importante, quando se trata decisões da administração local quanto à não liberação dos professores lotados na Secretaria Municipal de Educação (como é o meu caso e o de vários outros colegas estudantes de pós-graduação). Em uma região com difícil acesso de um lugar para outro, tive que fazer o possível para chegar no lugar escolhido no projeto. Os lugares que são da área de pesquisa foram escolhidos por coincidirem com as comunidades mais próximas à cidade de Leticia na Colômbia, Santa Rosa no Peru e Tabatinga no Brasil.

Apesar das dificuldades, a chegada nas comunidades foi de muito sucesso em termos da realização do trabalho de campo. Foi muito importante para nós perceber que existem divisões geográficas linguísticas que devem ser respeitadas e que merecem mais atenção. Ressaltamos que esta variação não impede o bom relacionamento entre as comunidades e os comunitários, nessas fronteiras. Foi devido a esse bom relacionamento

¹² Comunicação pessoal.

¹³ Comunicação pessoal.

que conseguimos entrar, nas comunidades escolhidas, como visitante e, assim, interagir para obter informações sobre as questões relacionadas à nossa pesquisa.

Cheguei à comunidade de Bella Vista Callaru juntamente com os comunitários de Bom Intento I, através de convite lançado para eles de uma festa da igreja protestante. Quanto à minha chegada em Arara, essa se deu da seguinte maneira: fui de carro até a estrada que vai de Leticia até o *corregimiento* de Tarapacá (Colômbia), como membro integrante de um grupo de comunitários de Umariçu I que foram participar da festa da moça nova - ritual sobre o qual falamos e que é realizado quando uma menina entra em puberdade, passando para o mundo adulto. A festa da moça nova também foi o nosso meio para a realização do trabalho de campo em Umariçu I.

Como o povo Tikuna realiza festas tradicionais e festas não-tradicionais, foram estas as oportunidades que nos facilitaram o deslocamento para os locais de nossas observações das falas de cada local. Conseguimos fazer levantamentos de dados como falante nativo, percebendo, auditivamente, detalhes no uso do Tikuna. Por exemplo, as pessoas que vêm do Brasil são identificadas como **tawaamacüã** 'originários do baixo rio'. São chamadas assim porque vêm de onde desce o rio em direção ao Atlântico. Já os que vivem para o lado do Peru e da Colômbia, são chamados de **dauquenacüã** 'originários da parte de cima do rio (cabeceiras)'. Esta forma de reconhecimento é normal e é vista como normal para o povo Tikuna.

Nesta pesquisa, utilizamos a observação participante como método de coleta de dados. Através desse tipo de observação, nos fixamos e interagimos em uma família e em grupo específico de indivíduos. Isso também nos permitiu obter uma visão de cada comunidade visitada em geral, além de informações de qualidade, sem perder de vista o objeto da nossa pesquisa. Desta maneira, o método aqui usado adota uma visão específica - a da observação participante.

Devemos dizer que, para fazer pesquisa deste tipo, precisamos contar com o apoio de instituições. Por exemplo, para cobrir despesas logísticas, como alimentação, deslocamento e até recursos que possam ser utilizados em casos de pedidos de ajuda de custo por parte de moradores que demandam colaboração para a sua comunidade. Outro exemplo é o apoio institucional através das secretarias locais de educação (municipal e estadual), que podem apoiar ou impedir a liberação de professores indígenas da sala de aula. Especificamente no nosso caso, ocorreu a liberação para cursar as disciplinas do Mestrado, mas não para a pesquisa de campo.

Devemos dizer ainda que, para realizar o levantamento de dados foi difícil, por sermos pesquisadores indígenas e não podermos oferecer algo em troca para ajudar a comunidade (isso no meu caso). Além disso, para passar de um país para outro como pesquisadores, precisamos de alguma autorização por parte do Estado, para entrada e saída de um local para outro.

2- Os Tikuna sob uma ótica nativa

2.1-A origem dos heróis culturais, do dia e do rio Solimões . Da existência de povos, grupos de pessoas e línguas diferentes

Geralmente os Tikuna se autodenominam como **Du#’%**, que significa ‘gente ’ ou ‘povo ’, o que geralmente é interpretado como pessoa de verdade, não sendo aplicável a um outro considerado como menos gente. Ao lado disso, os Tikuna mantêm a autodenominação ligada à origem mítica, que é **Magüta** ([maŋgŋta]) - o nome com que se identificam : **magü** ([maŋgŋ]) ‘fiscar (pescar) com vara’ + **gü** ‘plural’ + **ta** ([ta]) ‘conjunto’ – ‘o conjunto dos fiscados / pescados com vara’. Isso porque foram pescados por Yo’i, seu herói cultural. São chamados de Tikuna, porque, segundo o relato dos próprios Tikuna, esse nome lhes foi dado por outros povos, já que se pintam a cara com jenipapo, ficando com ‘cara preta’. Estas são pinturas faciais que usamos para identificarmos a que clã pertencemos. A designação ‘Tikuna’ é de origem Tupi e significa ‘nariz preto’. Esta denominação é registrada desde o século XVII, por missionários e soldados. E seria uma designação estrangeira, quando nos referimos a mitos. De acordo com as narrativas míticas, os Tikuna são originários do Eware, (na cabeceira do igarapé) São Jerônimo (Tunetü [tunetŋ]) ‘Igarapé da Derrubada’, localizado na margem esquerda do Rio Solimões, na divisa com o município de Tabatinga e o São Paulo de Olivença, no Estado do Amazonas, onde hoje está concentrada a maior população Tikuna. Segundo os nossos avós contam, os Tikuna não moravam na beira do Rio Solimões, mas sim nas cabeceiras dos igarapés.

“Para os Ticuna seus mitos remetem ao surgimento da humanidade num tempo antigo diferente do passado recente; esses mitos definem costumes e explicam fenômenos mas não têm por função determinar condutas certas ou erradas. Não tratam de temas proibidos ou mágicos e apresentam seus heróis dotados de características humanas que divertem e ensinam. Entretanto, é através das tentativas e erros e das brincadeiras dos irmãos Yo’i e Ipi que os mitos expressam as regras da organização social dos Ticuna.”¹⁴ (BENDAZZOLI, 2011:42)

¹⁴ Ver 1.2.2.

A visão nativa da geografia da área ocupada pelos Tikuna encontra uma apresentação e representação nas narrativas míticas. A localização e a ocupação territorial possuem uma interpretação a partir do mito, muito presente na vida do povo Tikuna. Do mesmo modo, é também nas narrativas vinculadas ao mito que se encontra uma primeira representação da criação das diferenças entre os Tikuna, entre as quais, a da separação dos grupos de pessoas. Apresentamos a seguir, breves recortes de narrativas míticas, de modo a poder interpretá-los do ponto de vista do reconhecimento da existência de povos diferentes e a possibilidade ou não de interação com esses povos.

2.1.1 A origem, o mundo coberto pela samaumeira, o rio, os outros rios, os igarapés. O surgimento dos Tikuna e a existência de outros povos

Origem

Primeiro existia Ngutapa e sua esposa Mapana. Eles não tinham pai e mãe no tempo em que o mato era baixinho. Um dia Ngutapa e Mapana saíram para caçar e, no meio do caminho, os dois se desentenderam. Ngutapa amarrou a sua esposa em uma árvore chamada taxizeiro (espécie de árvore da região)¹⁵ e as formigas comeram todo o seu corpo. E ela chamou o pássaro Cancã. Como naquela época tudo era sagrado, o pássaro se transformou em pessoa e a desamarrou. E ele, o pássaro transformado em pessoa, lhe deu uma ideia para que Mapana se vingasse da maldade que o marido tinha feito. E lhe entregou um ninho de caba (tipo de vespa). Deu-lhe um conselho: quando o marido passasse de novo por ali, ela deveria atirar o ninho de cabas nele. Ela atirou e acertou nos joelhos de Ngutapa, que ficaram inchados. E dos joelhos inchados nasceram dois casais, Yo'i, Ipi, Aicüna e Mowatcha. Do joelho direito nasceram o Yo'i e sua irmã Mowatcha; e do joelho esquerdo nasceram Ipi e sua irmã Aicüna.

A copa da samaumeira cobria o Mundo

Para a cosmologia do povo Tikuna, antes de tudo começar, o mundo era todo escuro, era sempre frio. De noite, porque uma enorme samaumeira – **wotchine** 

¹⁵ “Denominação comum a várias árvores do gênero Tachigali ou Sclerolobium, da família das leguminosas ou das poligonáceas, nativas da Amazônia: formigueira, pau-de-formiga, pau-de-novato, taxi, taixi (*Michaelis. Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*; cf. <http://michaelis.uol.com.br/busca?palavra=taxizeiro&=0&=0&=0>)

fechava o mundo e não deixava passar a claridade para a face da terra. Depois do nascimento de Yo'i e Ipi, quando eles cresceram, ficaram preocupados com o que viam, e começaram a pensar no que podiam fazer. E começaram a jogar caroço de araratucupi, uma árvore da floresta amazônica¹⁶ que em Tikuna é chamada de **tcha** ([tʃa:]). Atiraram os caroços para cima e, através dos furos que faziam, os caroços começaram a deixar ver que, no outro lado da árvore, havia claridade. E viram também que tinha uma preguiça real que segurava a árvore para essa não cair, e pensaram em convidar todos os animais da floresta, para derrubar a samaumeira, porque nem o pica-pau conseguia derrubá-la.

Mas eles não desistiram. Enfim, resolveram oferecer a irmã “Aicüna” em casamento para quem conseguisse subir e jogar formiga de fogo – **unü** ([ʉnʉ]) - nos **la** da preguiça. Foram várias tentativas, e logo apareceu o quatipuruzinho **taine** ([tain]), que conseguiu chegar até o topo da árvore e jogou as formigas nos olhos da preguiça real. Aí ela soltou a árvore e essa caiu. O dia apareceu e o **taine** casou-se com a Aicüna, e até agora eles estão muito felizes. E assim surgiu o dia.

Surgimento do Rio Solimões

Segundo a mitologia Tikuna, o rio (**tatü** ‘rio’) que é atualmente a maior referência geográfica para a área ocupada pelo grande povo Tikuna surgiu quando foi derrubada a enorme samaumeira¹⁷ que escurecia o mundo. Depois que a árvore foi derrubada e se decompôs, do seu tronco surgiu o Rio Solimões (**tatü**), o maior rio que existe hoje. De seus galhos maiores surgiram os rios seus afluentes (**tatütchacügü** ‘braços do rio’), que hoje desembocam no **tatü** (rio Solimões). Os igarapés (**tü** ‘igarapé’)¹⁸ são os galhos menores. As folhas se transformaram na floresta amazônica e da parte da raiz surgiram o rio grande e todos os rios que nele desembocam (**ta’# i tatü i gu#ma i tatü nawa rü ya’ütchi**¹⁹), isto é, o que seriam o oceano Atlântico e os outros oceanos que existem hoje na face da terra.

¹⁶ Árvore leguminosa-mimosácea (*Parkia oppositifolia*). Var: araratucupé (cf. <https://www.dicionarioweb.com.br/araratucupi>).

¹⁷ Samaúma ou Sumaúma (*Ceiba pentrandia*) é uma árvore encontrada na Amazônia. Atinge grande altura (entre 60–70 m de altura, alguns exemplares podendo chegar até 90m de altura). Seu tronco é muito volumoso, podendo ter até 3m de diâmetro.

¹⁸ Exemplos da ocorrência da forma **tü** ‘igarapé’ (forma que é uma raiz, não podendo ser pronunciada sozinha): **Tunetü** ‘Igarapé da Derrubada (Igarapé São Jerônimo), **Denetü** ‘Igarapé da Cana’ (Igarapé Tacana), **Patü** ‘Igarapé Seco’ (Igarapé de Belém; seu nome em Tikuna se deve ao fato de que secava durante um determinado período). Forma geral para igarapé: **natü** (3P + tü)

¹⁹ Análise e traduções aproximadas da sequência em questão:



“ Do tronco da samaumeira caída formou-se o rio Solimões. De seus galhos surgiram outros rios e os igarapés.” (Fonte: Livro das árvores (GRUBER, 1997:15 1997))

O povo Pescado por Yo’i e Ipi

Depois que o coração da samaumeira foi pego pelo **püwi** (‘cutiara’²⁰), ele o plantou e daí cresceu uma árvore chamada Tetchi (Umari²¹). O primeiro fruto desta árvore era muito cobiçado pelos irmãos Yo’i e Ipi. Então, Ipi falou para o seu irmão que aquela fruta

ta’#	i tatü	i gu#ma	Nawa	rü	ya’ütchi
ta’- #	i tatü	i gu#ma	na-wa	rü	ya- ütchi
grande –NOMLZR	x rio	x todos	3P-LOC	TOP	derramar-líquido-INTENS
‘Com relação a todos os rios grandes, nele, um derramamento intenso’					
‘Todos os rios grandes, nele, [têm] derramamento intenso’.					

²⁰ Cutia pequena (mesmo que cutiaia).

²¹ O umari é uma fruta muito importante para os Tikuna: deu origem à primeira mulher que teve um filho de um herói cultural, além de ter ensinado os Tikuna a como proteger uma criança de doenças.

iria ser dele quando amadurecesse. Toda manhã, quando acordava, Ipi ia olhar e limpar embaixo da árvore, mas, quando a fruta começou a ficar madura, sem ele perceber, a fruta havia caído e o Yo'i a apanhou, porque ela se transformou em uma moça. Yo'i a escondeu em sua flauta: como tinha poderes, ele conseguiu diminuí-la. Quando Ipi descobriu que a fruta não estava na árvore, Ipi perguntou ao seu irmão Yo'i se ele tinha visto a fruta, mas Yo'i não quis falar nada para seu irmão. Assim ele não ficou satisfeito com o que tinha acontecido com o desaparecimento da fruta. Além de insatisfeito, Ipi também ficou preocupado. De madrugada, escutava o seu irmão falando bem baixinho com alguém e ouvia riso de uma mulher. Então, cheio de curiosidade, Ipi esperou que Yo'i saísse durante o dia para buscar alimento. Quando Yo'i saiu, Ipi procurou por toda parte, para descobrir com quem Yo'i falava de madrugada. Ipi fez de tudo para ver se acontecia de novo o som do riso de mulher. Tanto fez que Tetchi acabou rindo, achando graça do que fazia Ipi. E foi aí que Ipi aumentou a sua busca e acabou descobrindo que Tetchi estava dentro da flauta. E ele a tirou de lá, se deitou com ela e a engravidou. Para esconder isso do seu irmão, Ipi tentou colocar Tetchi novamente dentro da flauta, mas não conseguiu porque ela já estava buchuda. Yo'i chegou e perguntou a Ipi o que esse havia feito com a sua mulher, a Tetchi. Ipi disse que não tinha feito nada, mas Yo'i já sabia que não era verdade. Passou-se um tempo e a criança nasceu. Então, como castigo, Yo'i mandou Ipi buscar jenipapo, para pintar a criança. Ipi foi buscar e encontrou jenipapo²². Subiu na árvore, enquanto Yo'i ficava embaixo. Lá no alto, Ipi avistou os Awane²³ passando de canoa no rio. Do alto, gritou para Yo'i, dizendo que esse devia ter cuidado. “Ele vão nos matar!”, gritou Ipi, mas Yo'i respondeu: “Só se for com você”.

Foi grande a dificuldade de Ipi para pegar o jenipapo: cada vez que Ipi chegava perto do jenipapo, esse se afastava, ficando cada vez mais no alto. Depois que Ipi finalmente conseguiu pegar o jenipapo, desceu da árvore. Yo'i mandou, então, que Ipi fosse ralar o jenipapo. Ipi obedeceu, porque deseja cuidar do seu filho. Foi ralando o jenipapo e, como Yo'i dizia que ele seguisse ralando, Ipi acabou se ralando, ralando o seu próprio corpo completamente. Ficou misturado com a borra do jenipapo. Então, Yo'i chamou Tetchi mandou-a tirar o sumo do jenipapo e pintar a criança. Uma vez pintada a criança, Yo'i mandou Tetchi jogar a borra do jenipapo no igarapé. Tetchi obedeceu.

²² O jenipapo se pega no alto do jenipapeiro. Quem o pega, tem que subir muito alto na árvore.

²³ Ver um pouco mais à frente considerações sobre os Awane.

Depois que a **Tetchi arü Ngu’#** (‘A Moça do Umari’) jogou a borra do jenipapo no igarapé Eware, a borra se transformou em peixes, e Yo’i já imaginava que o irmão dele fosse aparecer também no meio dos peixes. Yo’i fez um cercado para pegá-lo e ficava vigiando todos os dias para ver se o seu irmão aparecia. Passaram-se vários dias e Yo’i foi buscar vara para fazer o anzol e pescar. Yo’i queria pescar seu povo, mas não conseguia, porque os peixes que pescava se transformavam em animais. Enfim, pensou em trocar por outra a isca que ele usava. Colocou, então, a macaxeira como isca e todos os peixes que pescava se transformavam em pessoas. Mas só que o irmão dele, o Ipi, ainda estava dentro da água e não queria morder a isca no anzol do seu irmão. Yo’i deu, então, o anzol à sua esposa, Tetchi, e, quando Ipi viu isso, pulou para pegar o anzol e foi fisgado. E assim ele voltou de novo a estar, em forma de pessoa, ao lado do seu irmão.

Yo’i mandou, então, o seu irmão pescar o povo dele e Ipi pescou muita gente. Depois da pescaria, todos os que foram pescados estavam juntos. Então, sem Ipi perceber, Yo’i resolveu virar o mundo, fazendo o mundo ter mais de um lado, porque Yo’i queria ficar para o lado onde o sol nasce. E virou o mundo. Ipi ficou com o lado onde o sol se põe. Assim as pessoas se multiplicaram para habitar a face da terra. E até agora eles estão, cada um, no lugar que lhes pertence.

Passando por povos que não são “gente de verdade”

A mitologia Tikuna conta que Tcho’tchi, também chamado de Tcho’e, era um menino órfão que foi criado pela mãe. Um dia, a mãe dele foi atacada pelo **Da>patcha**²⁴, demônio que andava com um cestinho e que tinha poderes para fazer maldade só em dizer **cuetütchi#**²⁵ ‘*vasilha para os seus olhos (recipiente do teu olho)*’, e os olhos já caíam dentro do cesto dele. Por isso, Tcho’e ficou muito triste com o que acontecia, porque a mãe dele tinha ficado sem olhos e não enxergava mais nada. O **Da>patcha** guardava os olhos das pessoas numa árvore muito alta chamada **tu**²⁶ ‘cedrorana’²⁷. Aí o Tcho’e pensou em se transformar em alguma coisa e acabou se transformando em cupim, para poder subir ao alto da árvore e recuperar os olhos da sua mãe. Quando chegou no alto da

²⁴ Nome próprio, intraduzível.

²⁵ Análise da palavra **cuetütchi#**: **cu** ‘2PS’+ **etü** ‘olho’ + **tchi#** ‘recipiente’.

²⁶ Representação fonética da forma **tu** ‘cedrorana’: [tutu] (t)

²⁷ Espécie de árvore (cedro) da Amazônia.

árvore, o demônio ia chegando e o **irawa** ‘urubu-de cabeça vermelha’, que era uma vovó²⁸, chegou e avisou ao Tcho’e que o demônio estava vindo, mandou-o embarcar na sua canoa e o ensinou a conduzir a canoa para poder fugir. Mas como Tcho’e não aprendeu direito a conduzir a canoa, acabou errando e caiu para o fundo da água, onde foi parar no meio dos **nge’rü’üta**²⁹ ‘os sem ânus’. Os **nge’rü’üta** sabiam que o Tcho’e tinha chegado e o receberam bem. Tcho’e viu que os **nge’rü’üta** não comiam a comida, que só aspiravam o cheiro da comida. Eles se alimentavam assim. Então, Tcho’e se casou com uma moça, a quem deu de comer. Como ela não podia defecar, ele abriu um buraquinho para ela poder defecar. O ar saiu de dentro dela e ela morreu. Os **nge’rü’üta** quiseram matar Tcho’e porque ele tinha feito isso. Tcho’e foi salvo pelas formigas chamadas **bae**³⁰, que o levaram para outro lugar.

E chegou no lugar onde moravam os **nge’etüta**³¹, as pessoas que não enxergavam, ‘os sem olhos’. Também aí casou. Como ele percebeu que não enxergavam, abriu o olho da mulher para que ela pudesse vê-lo. Mas a matou, porque ela começava a enxergar tudo. Os **nge’etüta** queriam matar Tcho’e e ele fugiu. Os **bae** o ajudaram de novo, para ele poder sair de lá. E assim ele conseguiu sair. E chegou nos meio dos **me’tchita**³², anãos, e também fez a mesma coisa, porque queria que eles crescessem e fossem da altura dele. Não deu certo e Tcho’e teve que sair. Assim, ele pulou para outro plano e voltou ao meio de pessoas normais, **du#%**, gente de verdade. Em cada lugar por onde ele passou, escutava primeiro o que as pessoas falavam, para poder interagir com elas.

Tcho’e passou pelos mundos inferiores. Mas há também um mundo que fica acima. O lado do mundo que fica em cima para os Tikuna é chamado de **tchawatü**, rio sagrado onde vivem os pássaros sagrados, como urubu-rei, gaivota, corta-água e outros pássaros sagrados. **Mo’%** um homem imortal, chegou a esse lugar³³.

²⁸ No tempo dos **üüne** ‘encantados’, animais falavam e eram tratados com respeito pelas pessoas de verdade; eram avós dessas pessoas.

²⁹ Análise da forma **nge’rü’üta**: **nge** ‘sem’ + **rü’ü** ‘ânus’ + **ta** ‘coletivo’ ‘conjunto dos sem ânus’.

³⁰ **Bae** são formigas que andam em conjunto (e não em fileira). [ll:l] (ll ll).

³¹ Análise da forma **nge’etüta**: **nge** ‘sem’ + **etü** ‘olho’ + **ta** ‘coletivo’ ‘conjunto dos sem olho’

³² Análise da forma **me’tchitata**: **me** ‘o que aparece pouquinho, abaixo de um plano’ + **tchita** ‘parte superior da cabeça’ + **ta** ‘coletivo’ (conjunto daqueles cuja parte superior da cabeça aparece pouquinho, abaixo do plano; anãos/anões)?

³³ Para a narrativa de **Mo’%** ver Felix (2018).

2.1.2 Uma leitura nativa das indicações dadas no mito sobre povos e possibilidades ou não de interação

A água é a grande referência para os Tikuna. As narrativas mostram que existe o rio, existem os grandes rios – todos tratados na língua Tikuna como **tatü** ‘rio’ - ao lado dos igarapés, **natü**. A narrativa da samaumeira, com o surgimento do rio Solimões, é uma prova disso. Foi da água que vieram os Tikuna, pescados por Yo’i. E foi caindo no fundo da água que Tcho’e chegou aos mundos inferiores, onde estão os que não são gente de verdade (os **nge’rü’üta** ‘os sem ânus’; os **nge’etüta** ‘os sem olhos’; os **me’tchita** os anões’). Também é pela água que se chega ao plano superior, **tchowatü**, um plano que é rio sagrado.

A narrativa mítica dá importância à localização geográfica do rio Solimões, embora os Tikuna sejam originariamente indígenas de igarapé. Tomando o Solimões como a grande referência, tem-se os lados do mundo: o lado onde o sol nasce e aquele onde ele se põe. O sol nasce onde o rio desce (orientes) e se põe onde o rio se sobe (ocidente). Na narrativa dos irmãos Yo’i e Ipi, Yo’i quis ficar para o lado onde o sol nasce, o que coincide com a parte do rio Solimões no Brasil. Já Ipi ficou com o lado onde o sol se põe, o que corresponde à localização dos que vivem no Peru e na Colômbia, estando aí incluídos os Tikuna que moram nas terras do alto rio. A referência ao rio é muito importante para essa divisão geográfica e, mais adiante, nesta dissertação, procuraremos verificar se a mesma é válida como um elemento importante para se detectar traços de variação linguística. É importante ainda dizer que, se o grande território Tikuna já possui referências geográficas na própria narrativa mítica, também é importante ressaltar que, de acordo com as indicações das narrativas míticas, os Tikunas não ultrapassam os limites que levam ao grande rio (ao oceano), embora haja menção a esse último.

No que diz respeito às possibilidades ou não de interação dos Tikuna com povos (de mundos) diferentes, temos dois tipos de exemplo nas narrativas míticas:

- 1) aquele em que os Tikuna primeiro escutam o que os outros, diferentes, falam, para poderem estabelecer alguma ponte de interação (caso do Tcho’e);
- 2) aquele em que a interação não se dá devido ao perigo (caso dos Awane (Omáguas, Cambebas, Kokamas) – objeto de alerta por parte de Ipi a

Yo'i Os Awane eram considerados como inimigos pelos Tikuna e não possuíam canal de interação com este povo.

No primeiro tipo de exemplo, existe ao menos a possibilidade de escutar e interagir com um outro que não é gente de verdade (isto é, um não-Tikuna, que não consegue entender os Tikuna como esses são), embora essa possibilidade não signifique sucesso na interação. Já no segundo tipo de exemplo, o perigo impede a interação, a menos que desapareça.

2.2 A memória viva de tempos históricos. Observações sobre a vida na atualidade e a organização social Tikuna

2.2.1 Primeiros Relatos dos Viajantes e Pesquisadores

No relato de Frei Fidelis de Alviano³⁴ (Alviano, 1943), pode-se ler que

“As tribus indígenas que povoam a imensa floresta do Alto Solimões, no extremo norte do nosso país, não se encontram à margem do rio gigantesco, mas sim no interior da floresta, à beira dos afluentes, dos igarapés e dos lagos, ou nas restingas interiores. É interessante conhecer o nome das tribus e dos rios, igarapés ou lagos em que moram, bem como os principais idiomas por eles falados.

...

Nome das tribos

...Ticunas

...

...Cucamas (ou Cocamas)

...

Nomes dos rios, Igarapés ou Lagos

Ao longo do rio Jacurapá (afluente do rio Içá), nos igarapés de Tacana; de Belém; de S. Jerônimo; de Santa Rita; de Morcegos; de Mariaçú (perto de Tabatinga).

Esta tribu em tempos remotos emigrou do Brasil para a o Perú; agora está voltando a mãe Pátria e vai-se estabelecendo ao longo do Alto Solimões, nos paranás de Tauarú, das Panelas e da Floresta.

³⁴ Fedele Schiaroli D’Alviano (1886- 1956). “Fedele Schiaroli D’Alviano nasceu em Alviano, Itália, na região da Úmbria, em 5 de agosto de 1886. Ironicamente, veio a falecer na mesma data, no ano de 1956, no Rio de Janeiro, aos 70 anos. É conhecido no Brasil como Frei Fidelis de Alviano. Segundo sua ficha na vice-província de Manaus, foi enterrado na Igreja da Imaculada Conceição, em São Paulo. Tendo partido da Úmbria em 1926, com 41 anos, só voltou à sua terra natal, pela primeira vez, 13 anos depois, em 1939 e, pela segunda, em 1946. Frei Fidelis foi nomeado pároco de São Paulo de Olivença, cuja história está vinculada às várias missões fundadas pelos jesuítas ao longo do rio Solimões, no final do século XVII. Em 1882, elevada à vila, a antiga Aldeia de São Paulo dos Cambebas passa a se denominar São Paulo de Olivença, como sede do município do mesmo nome, em 1759.” (REZA & FAULHABER, 2014: 164).

“...A principal língua dos Ticunas, conhecida por êsse mesmo nome, é considerada pelos americanistas como um dialeto da família lingüística Arauak ou Aravaco”.

(ALVIANO, 1943:5-6)

A hipótese de pertencimento do Tikuna a uma “família linguística Arawak”, que é originalmente de Rivet, não se sustentou ao longo do tempo. O próprio Nimuendajú (1952: 152-156) foi contrário a essa hipótese:

“Rivet descreve o Tukuna como “ um dialeto arawak muito corrompido ” e cita numerosos exemplos lexicológicos em apoio. Desses entre tanto, alguns não me parecem ser validos, principalmente devido à reprodução fonética deficiente do tukuna nos vocabulários que Rivet tinha à sua disposição.

Nada pode ser provado com os exemplos como os que se segue

	Tukuna	Arawak	Uainumá
boca	A	hai,hei,ya,ye (dente)	
água	dë'a'		
	dë-ꞑꞑꞑꞑ	ꞑꞑia'(rio)	
Terra	Guain		
	vaiꞑꞑ'miꞑꞑ (vaiꞑꞑ,preto; miꞑꞑ,massa)		ga'han

Em uainumá a palavra não parece mesmo composta da mesma maneira (ꞑꞑia'riri, preto). Entre tanto a despeito desta qualificações, o vocabulário tukuna possui, indubitavelmente, um numero de elementos emprestados de línguas arawak, como Brinton e Tessmann também reconheceram.”

Do mesmo modo, outras hipóteses se tornaram polêmicas, como nos aponta Soares (SOARES, 2017: 268-269, nota 10)³⁵:

³⁵ Para um entendimento mais amplo de passagens do trecho citado a seguir, introduzimos notas (indicadas entre colchetes – []), que contêm traduções, para o português, de trechos que se encontram em outras línguas. Essas notas não se encontram no texto de Soares (2017).

"Do ponto de vista histórico-comparativo, a língua Ticuna (Tikuna) ainda pode ser considerada como um tipo isolado único. Greenberg (1987) fez essa língua aparecer como membro de um suposto tronco Macro-Tukano [Greenberg, J. H. (1987). *Language in the Americas* [³⁶]. Stanford, Stanford University Press.]. No entanto, devido a falhas nos procedimentos empregados – em que dados foram considerados de maneira inacurada, em que não houve controle dos empréstimos e em que falsas etimologias foram criadas –, o trabalho de Greenberg (1987) resultou em uma classificação probabilística bastante criticada e sem o necessário respaldo científico, conforme seus críticos (ver a respeito, por exemplo, Kaufman, T. (1990) [Kaufman, T. (1990). *Language history in South America: what we know and how to know more*. In: Payne, D. L. *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*[³⁷]. Austin: University of Texas Press]. Precedentemente, Nimuendajú já havia se debruçado sobre a questão da classificação do Ticuna (Tikuna) do ponto de vista histórico-comparativo [cf. Nimuendajú, Curt. 1952. *The Tukuna*. In *University of California Publications in American Archeology and Ethnology*, volume 45, ed. Robert H. Lowie, 209 p. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.]. Ao comparar seus próprios dados do Ticuna (Tikuna) com possíveis equivalentes em outras línguas, Nimuendajú (1952: 156-158) notou similaridades entre o Tikuna e o Yuri, a partir das listas vocabulares de Spix e Martius sobre essa última língua: *“The similarities with Yuri are fewer, but not less in importance, and it is regrettable that we lack phonetically written vocabularies of this language; I myself did not find anyone who still spoke it”* (p. 156); *“The Tukuna forms for the first person singular (masc.) and the first person plural (masc.) of certain pronouns correspond to the Tupí, as well as the Yuri, forms. These are: First person singular (mas.) ča ; First person plural (mas.) ta ”*[³⁸] (p. 158). Devido a

³⁶ Tradução do inglês para o português: *“Línguas nas Américas”*.

³⁷ Tradução do inglês para o português: *“História das línguas na América do Sul: o que sabemos e como saber mais*. In: Payne, D. L. *Linguística Amazônica. Estudos sobre línguas das terras baixas sul-americanas.*”

³⁸ Tradução do inglês para o português: *“As semelhanças com o Yuri são menores, mas não menos importantes, e é lamentável que nos falem vocabulários escritos foneticamente dessa língua; eu mesmo*

características distintivas do Tikuna (como as formas de terceira pessoa, marcadas por gênero e noções de localidade e tempo), Nimuendajú considerou preferível, porém, considerar o Tikuna, “for the time being [39]”, como uma língua isolada, tal como o haviam feito Alexander F. Chamberlain e Günter Tessmann [Chamberlain, A. F. (1910). Sur quelques familles linguistiques peu connues ou presque inconnues de l’Amérique du Sud. *Journal de La Société des Américanistes*[40], n.s., 7:179-202; Tessmann, G. (1930). Die Indianer Nordost-Perus. Hamburg [41]). Na década de 90 do século XX, a hipótese de um agrupamento Ticuna-Yurí (língua que estaria extinta) é reconhecida por Campbell (1997: 184) como tendo nascido em trabalhos de outro autores: “ *Yuri-Ticunan* [Júri-Tikuna stock] Greenberg and Swadesh group these, and Kaufman (1994: 62) finds that there is lexical evidence in support of such a grouping” [Campbell, Lyle. (1997) [42]. *American Indian Languages: the historical linguistics of native America* [43]. Oxford: Oxford University Press; Kaufman, Terrence. 1994. The native languages of South America. In *Atlas of the world’s languages*, ed. Christopher Moseley and R. E. Asher, 46-76. London: Routledge].Mais recentemente, Carvalho (2009) procurou reunir evidências relevantes para aplicação dos instrumentos do método comparativo, tendo por base desenvolvimentos da teoria fonológica

não encontrei ninguém que ainda a falasse ”(p. 156); “As formas Tukuna para a primeira pessoa do singular (masc.) e a primeira pessoa do plural (masc.) de certos pronomes correspondem às formas Tupí, bem como às Yurí. Estas são: primeira pessoa do singular (masc.) ča ; primeira pessoa do plural (masc.) tá” (NIMUENDAJU, 1952: 156).

³⁹ A expressão em inglês “for the time being” pode ser traduzida em português como “por ora” . (Assim: “Nimuendajú considerou preferível, porém, considerar o Tikuna, “por ora”, como uma língua isolada, tal como o haviam feito Alexander F. Chamberlain e Günter Tessmann...”).

⁴⁰Tradução do francês para o português: “Sobre algumas famílias linguísticas pouco conhecidas ou quase desconhecidas da América do Sul. *Jornal da Sociedade dos Americanistas...*”

⁴¹ Tradução do alemão para o português: “Tessmann, G. (1930). Os índios do nordeste do Peru. Hamburgo”.

⁴² Tradução do inglês para o português: “...”*Yuri-Ticunan* [tronco Júri-Tikuna] Greenberg e Swadesh agrupam estes, e Kaufman (1994: 62) acha que há evidência lexical em apoio a tal agrupamento” [Campbell, Lyle. (1997)...”

⁴³ Tradução do inglês para o português: Tradução do inglês para o português: “*Línguas indígenas americanas: a linguística histórica da América nativa*”.

[Carvalho, Fernando Orphão de. 2009. On the genetic kinship of the languages Tikúna and Yuri. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* 1 (2): 247-268.]. Ao expor seus argumentos, Carvalho (2009) deixa claro que leva à frente “*a hypothesis qualified as “promising” in the reference works of investigators of the historical linguistics of South America*”[⁴⁴] – hipótese essa explicitada, como dissemos, em Campbell 1997: 184). A partir do próprio texto de Carvalho (2009), é possível se ter uma visão um pouco mais nuançada das possibilidades de relação genética entre o Yuri e o Tikuna. No trabalho de comparação efetuado, os argumentos desse último autor envolvem: a) formas pronominais, sendo que determinadas formas pronominais do Tikuna em comparação com formas pronominais correspondentes do Yuri já se encontram em Nimuendajú (1952: 158); b) formas do vocabulário básico, a partir de dados principalmente de Martius, Spix, Wallace, além de Loukotka, subsidiariamente [Loukotka, C. 1968. *Classification of South American Indian languages*[⁴⁵]. Los Angeles: University of California Press.]; c) a busca por correspondências sistemáticas, que permitam a confirmação de determinados itens como cognatos; d) a utilização de desenvolvimentos teóricos em fonologia; d) a identificação de umas poucas regularidades, sob cautela e por meio de um trabalho minucioso e atento às limitações das transcrições de Martius, Spix e Wallace. Em 2014, com base em Rivet (2012) e, sobretudo, Carvalho (2009), além de apoio em Goulard & Montes (2013) (que, por sua vez, também recorrem a Carvalho (2009)), Seifart & Echeverri voltam-se para a hipótese do relacionamento entre o Yuri e o Ticuna (Tikuna) e tentam levá-la adiante (cf. Seifart, F.; Echeverri, J. A. (2014). Evidence for the identification of Carabayo, the language of an uncontacted people of the Colombian Amazon, as belonging to the Tikuna-Yuri linguistic Family. *PLoS One*. 2014; 9(4): e94814. Disponível em

⁴⁴ Tradução do inglês para o português: “*uma hipótese qualificada como “promissora” nas obras de referência dos pesquisadores da linguística histórica da América do Sul*”.

⁴⁵ Tradução para o português: “*...Classificação das línguas indígenas da América do Sul...*”

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3989239/>.]; cf. também: Rivet P. (1912). Affinités du Tikuna. *Journal de la Société des Américanistes* 9: 83–110; Goulard, J. P.; Montes, M. E. R. (2013) Los Yuri/Juri- Tikuna, en el complejo socio-lingüístico del noroeste amazónico. *LIAMES* 13: 7–65.) ” (SOARES, 2017: 268-269, nota 10).

Apesar da polêmica que cerca a classificação genética da língua Tikuna, é importante a afirmação de Alviano (1943:5)), citada mais acima, de que os Tikuna fazem parte dos indígenas que “*não se encontram à margem do rio gigantesco, mas sim no interior da floresta, à beira dos afluentes, dos igarapés e dos lagos, ou nas restingas interiores*” .

É importante porque se junta a relatos mais antigos sobre os Tikuna, como o que fez o padre Cristobal de Acuña, um dos dois jesuítas que foram integrados à expedição de Pedro Teixeira (1637- 1639), quando esse desceu, na primeira metade do século XVII, o rio que viria a ter o nome de Solimões⁴⁶. Acuña estava encarregado de informar o governo espanhol sobre o que a expedição de Pedro Teixeira encontrava em seu caminho, fornecendo, assim, notícias sobre os povos indígenas⁴⁷. Após descrever não só o território dos Omáguas (situado em uma área compreendida entre sessenta léguas abaixo da confluência do Napo e do Marañon e quatorze léguas abaixo do Jutai), mas também o seu modo de ocupação, Acuña dá notícias sobre os vizinhos dos Omáguas que viviam afastados das margens:

⁴⁶ O padre jesuíta Christóvão d’Acuña foi designado para acompanhar Pedro Teixeira na viagem de volta da expedição, de Quito a Belém, empreendida no ano de 1639 (cf. FERNANDES & GOMES FILHO, 2014: 151).

⁴⁷ Segundo FERNANDES & GOMES FILHO (2014: 151), “A expedição produziu quatro relatos... O primeiro, “*Relação do General Pedro Teixeira do Rio Amazonas para o Presidente do Peru*”, é de autoria do próprio Pedro Teixeira, que o fez para entregar as autoridades de Quito no começo do ano de 1639. O segundo, “*Relação do descobrimento do Rio das Amazonas, hoje S. Francisco de Quito e declaração do mapa onde está pintado*”, do padre jesuíta Alonso de Rojas que, segundo Ugarte..., escreveu em Quito, a partir das informações que recebeu de participantes da expedição, especialmente do piloto-mor Bento da Costa. O terceiro e mais completo, “*Novo descobrimento do grande rio das Amazonas*”, do padre jesuíta Christóvão d’Acuña, designado para acompanhar Pedro Teixeira na viagem de volta, de Quito a Belém, empreendida no ano de 1639. Por fim, o relato de Mauricio de Heriarte, “*Descrição do Estado do Maranhão, Para, Corupa, Rio das Amazonas*”, escrito bem depois do fim da expedição, em 1662.”

“Mantêm estas tribos, por uma e por outra margem do rio, contínuas guerras com os povos vizinhos que, pelo lado do sul, são, entre outros, os Curina tão numerosos, que não apenas se defendem, pelo lado do rio, da grande quantidade dos Água, como também sustentam armas, ao mesmo tempo, contra as demais nações que por via terrestre os atacam constantemente.

Pelo lado norte os Água têm como inimigos os Tecuna que, de acordo com boas informações, não são inferiores aos Curina nem em número nem em brio, já que também sustentam guerras com os inimigos que têm terra adentro.” (ACUÑA, C., 1994 [1641] apud MELATTI, s.d.: 5⁴⁸)

As primeiras notícias sobre os Tikuna vêm, assim, de um relato datado no século XVII, a partir do que foi registrado por Cristobal de Acuña no livro sobre um novo descobrimento do grande rio das Amazonas. Além dessas primeiras notícias e da afirmação de Alviano (1943) sobre o fato de os Tikuna habitarem no interior das florestas e dos afluentes dos igarapés e dos lagos (e não nas margens do rio Solimões), é importante também levar em consideração o que diz Nimuendajú (1952: 2- 3), que menciona o antigo território Tikuna como compreendendo⁴⁹

“...os centros da selva afastados da margem esquerda do rio Solimões-Amazonas e os seus tributários, Atacuari, Loretoyacu, Mariuaçu, Tacana, Belém, Cajary, São Jeronimo e Rita, e e o curso superior da drenagem que deságua no Putumayo-Içá – os [rios] Yahuas, Cotuhé, Poreté e Jacurapá. “Os Tukuna não habitavam , então, as margens do Solimões-Amazonas, por temor aos Omágua, que ocupavam as ilhas desse rio por todo o seu curso no território Tukuna, e mesmo mais além, enquanto as margens do

⁴⁸ Melatti (s.d.: 5, diz: “C. de Mello-Leitão incluiu no seu já referido volume, nas pp. 125-294, a crônica que o Padre Acuña escreveu, com o título *Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas. A Embaixada da Espanha no Brasil publicou mais recentemente uma edição bilingue (espanhol e português): Novo Descobrimento do Rio Amazonas, edição, tradução e notas de Antonio Esteves, Montevideu: Oltaver, 1994. As transcrições que aqui apresentamos foram tiradas desta última edição.*”

⁴⁹ Nimuendajú (1952) é uma obra publicada originalmente em inglês. Na tradução para o português, foram mantidas as grafias empregadas por Nimuendajú para se referir a rios, lugares e grupos indígenas.

por suas terras, fundamentais para a sua sobrevivência como povo. O massacre aconteceu na margem direita do rio Solimões no município de Benjamin Constant Amazonas. Foi uma chacina, considerada como genocídio. O local do massacre, conhecido como Capacete, foi considerado como estando, na época, fora da Área Indígena São Leopoldo, o que foi contestado:

“Atualmente a localidade chamada Capacete encontra-se fora da Área Indígena São Leopoldo, decretada em 1986 e demarcada em 1987. No entanto, trata-se de área de antiga ocupação Ticuna, inclusiva com cemitério, tendo sido identificada por grupo de trabalho da FUNAI em 1982, constando de proposta de delimitação então elaborada. Os Ticuna têm conhecimento disso e possuem cópia dessa proposta.” (MAGÜTA-CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA DO ALTO SOLIMÕES, 1988:7)

O massacre do Capacete, associado à luta pela terra, resultou em mortes, feridos e desaparecimento. Segundo contam os moradores deste local calcula-se ter havido 16 mortos, sendo que houve mortos em terra e outros mortos após poucos dias. Este acontecimento se deu com moradores das aldeias, Porto Espiritual, Novo Porto Lima, Bom Pastor I e São Leopoldo, que haviam marcado uma assembléia para tratar da morte de um animal e de assuntos para a demarcação da terra, quando foram surpreendidos por não indígenas armados com arma de fogo:

“...Quando o pessoal chegaram lá todos chegou brincando, outros apanhando açaí e açando macacheira e banana na brasa.

Enquanto o pessoal estavam comendo isso, os outros vão para o porto olhar na beira se os capitães já vinham por aí.

E em 10 minutos depois o pessoal começou a subir na casa de seu Flores. E ainda ficaram no porto entre grandes e crianças, mulheres de filho na tipóia.

Foi a hora em que começou o conflito e receberam o grande choque dos civilizados que arrotearam nós e começou o tiroteio.” (“Carta-relatório escrita na aldeia de Novo Porto Lima, na noite do massacre, antes da chegada da FUNAI e da Polícia Federal..., pelo professor Ticuna desta

localidade, Santo Cruz Mariano Clemente ou Pucüracü” (MAGÛTA-CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA DO ALTO SOLIMÕES, 1988:5))

“O grande tiroteio durou 3 horas. Começou das 12 do dia e terminou 3 horas da tarde, com grande tiroteio, foram morto 11 pessoas entre adultos e crianças e feridos 22 pessoas. Nota do editor: Esse número será alterado em seguida, com a identificação de mais 3 pessoas mortas e desaparecidas.” (Idem, p. 6).

Os indígenas não tiveram tempo de reagir ao ataque, que, segundo informações de moradores, foi realizado a mando do madeireiro Oscar Castelo Branco. Esta chacina resultou no fortalecimento da reivindicação dos direitos dos povos indígenas, em particular do povo Ticuna. Vale ressaltar que o massacre foi narrado e documentado numa publicação de Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões – CDPAS chamada de *“A Lagrima Tikuna é uma só”*. O CDPAS fazia trabalho voltado ao povo Tikuna na luta pela demarcação das terras.

Na década de 90 do século XX, os Tikuna conseguiram o reconhecimento oficial de suas terras no Brasil. Nestas terras, lutam incansavelmente para sua autossustentabilidade, sempre mantendo seus relacionamentos com as sociedades envolventes com as quais interagem como sujeitos, buscando fortalecer as suas tradições culturais, estando incluída aqui a sua própria língua – o Tikuna.

2.2.2 Algumas observações sobre a organização social e aspectos do modo de vida na atualidade

Na sociedade Tikuna, existem duas grandes divisões (metades exogâmicas). O casamento somente pode se dar com um membro da outra metade. As metades são: **ãtchi’igü** [ã:tli:lg] ‘*com pena*’ e **ngetchi’igü** [ngetchi:lg] ‘*sem pena*’. À primeira metade pertencem as aves, e à segunda, determinadas plantas e animais relacionados plantas. No interior de cada metade, existem clãs, para a identificação da origem de cada pessoa. A palavra geral para clã em Tikuna é **nacüã** [naklã] (na ‘3P’+ cüã ‘local de origem’)

A constituição clânica da sociedade Tikuna não influencia, aparentemente, na fala, mas implica um reconhecimento das pessoas entre si, além de ter um papel fundamental nas alianças e solidariedades internas à sociedade e de serem determinantes para a ordem social. Esta ordem é patrilinear: os filhos (homem ou mulher) herdam a nação (clã) do pai e o nome próprio de cada um expressa esse pertencimento, de tal modo que se estabelece de imediato a identificação com os membros do mesmo clã, assim como os parceiros possíveis ou proibidos para casamento (cf. Bendazolli, 2011: 42). No Quadro 1 abaixo, estão exemplos de clãs no interior de suas respectivas metades⁵².

Quadro 1 – Metades e exemplos de clãs

ãtchi'igü 'com pena'	ngetchi'igü 'sem pena'
ta'ucüã' 'clã ou nação de tucano'	arucüã' 'clã ou nação de avai'
cowacüã' 'clã ou nação de maguari'	aicüã' 'clã ou nação de onça'
ngo'ücüã' 'clã ou nação de arara'	temacüã' 'clã ou nação de buriti'
barücüã' 'clã ou nação de japó'	ecüã' 'clã ou nação de jenipapo'
ngu'nücüã' 'clã ou nação de mutum'	naiyüücüã' 'clã ou nação saúva'
Yawürücüã' 'clã ou nação de jaburu'	

Os Tikuna reconhecem-se através da nação ou clã a que cada um pertence, sem importar o seu lugar de origem (espaço geográfico).

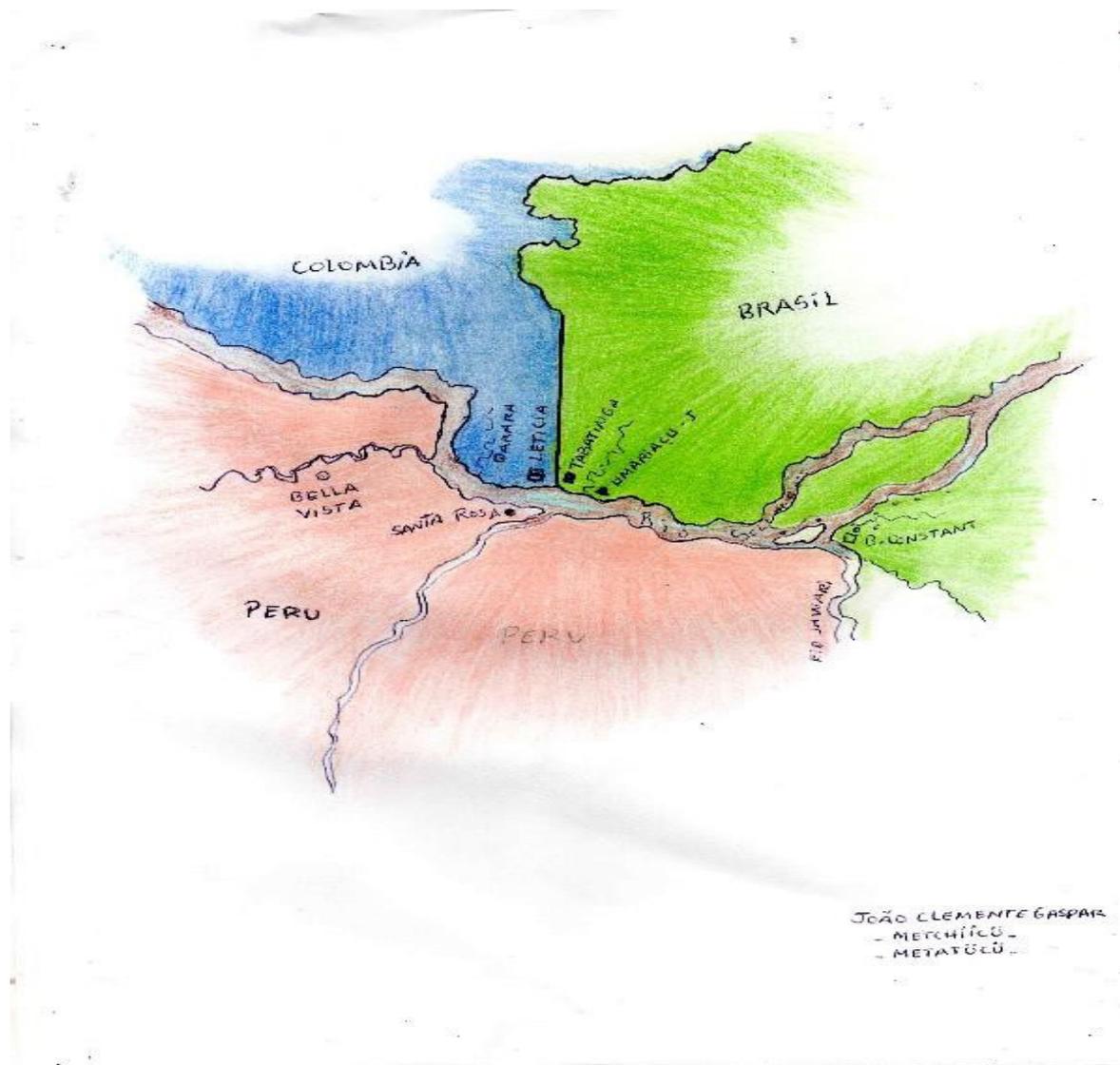
Hoje os Tikuna são o povo mais populoso da região norte do Brasil: sua população seria de 58.524 mil indivíduos do lado brasileiro (segundo dados atualizados da SESAI). No Peru, as estimativas são de 8.000 indivíduos e, na Colômbia, de 9.000. A totalização seria, assim, nos três países, de 75.524 mil Tikuna.

Antigamente, os Tikuna já eram dados como se localizando nas cabeceiras dos rios e dos igarapés afluentes do rio Solimões, no rio Putumayo (no Peru e na divisa com a Colômbia), rio chamado de Içá no Brasil⁵³. Na atualidade, o território Tikuna abrange o Peru, Colômbia e Brasil. Peru, ocupa a região nordeste do Departamento de Loreto, na Província de Maynas. No sul da Colômbia, é parte do trapézio Amazônico, no Departamento do Amazonas. No Brasil, no Estado do Amazonas, as terras Tikuna estão em quase todos os municípios do Alto Solimões.

⁵² Esse levantamento resulta de nossas anotações, durante o trabalho de campo realizado nas três aldeias visitadas na trílice fronteira.

⁵³ O rio Putumayo é conhecido como rio Içá ou rio do Içá em seu trecho brasileiro.

Hoje os Tikuna estão em 27 áreas indígenas demarcadas. Especificamente no que diz respeito à área geográfica que é objeto de nossa pesquisa, essa pode ser vista no quadro a seguir, no Mapa 05, referente à tríplice fronteira Brasil, Peru e Colômbia.



Mapa 05. ‘Mapa de Tríplice Fronteira (desenho de João Clemente Gaspar – Metchiicü rü Metaticü ‘Aquele que tem pena bonita e tem costas bonitas’ – **ngunüciã** ‘clã mutum)

Ainda que seus territórios estejam espalhados por diferentes terras na Amazônia e possuam mais de trezentos anos de contato com as sociedades envolventes, os Tikuna são um povo que vive na floresta amazônica. O seu principal meio de autosustentabilidade depende muito da subsistência que vem da natureza, da pesca, colheita de frutas e outras possibilidades que a natureza lhes oferece. Ainda praticam até os dias de hoje os seus

costumes e tradições vivas, o que permite que mantenham sempre a sua identidade como povo. Em algumas aldeias ainda se pratica a chamada festa da moça nova – um ritual de passagem e uma festa que serve como confraternização entre as aldeias, com duração de 3 (três) dias.

Em relação à subsistência, os antigos Tikuna eram basicamente coletores e caçadores, cultivando posteriormente espécies nativas como macaxeira, o cará entre outros. Na atualidade, a alimentação é à base de farinha de mandioca e outros alimentos, como peixe e carne de mato. Há escassez de caça e pesca nas comunidades próximas de cidades integrantes da tríplice fronteira. Aí são poucos os Tikuna que praticam atividades de caça. Valoriza-se agora, cada vez mais, a pesca nas atividades cotidianas. Com relação ao trabalho, esse é dividido entre mulheres e homens, isto é, existem atividades exclusivamente femininas e masculinas, como, por exemplo: cuidar do bem-estar da família é atividade feminina; e a masculina é não deixar faltar alimentação dentro de casa.

No que diz respeito à língua Tikuna e seu uso, essa segue sendo intensivamente falada pela maior parte dos Tikuna. Em uma visão ainda impressionista, diremos que, até hoje em dia, 80 por cento da população têm o Tikuna como a sua língua materna.

Com relação à religião, na atualidade, as aldeias Tikuna se dividem entre várias religiões externas, de origem ocidental, como o cristianismo (católico e protestante), entre outras. Algumas destas religiões estão na origem do surgimento de determinadas comunidades Tikuna que hoje são as maiores, como: Belém do Solimões, no município de Tabatinga, e Nova Itália, no município de Amaturá, que surgiram por meio da ação da igreja católica; Campo Alegre e Betânia, além de outras, têm sua origem associada a igrejas protestantes. Também existem comunidades que vêm chegar subdivisões (facções) religiosas, como é o caso da chamada Ordem Cruzada Católica Apostólica Evangélica (OCCA) (que se instalou, por exemplo, em Umariçu e Belém do Solimões, ambas no município de Tabatinga). Há aldeias, como é o caso de duas que se encontram, pelo lado brasileiro, na tríplice fronteira - Umariçu e Filadélfia (esta última no município de Benjamin Constant) – que exibem uma grande quantidade de presença religiosa diferenciada. Umariçu se caracteriza pela presença de diversas correntes religiosas de origem diferente. Já a marca de Filadélfia é a presença de diferentes facções religiosas dentro do próprio protestantismo. É preciso dizer também que há algumas comunidades que ainda praticam religiões tradicionais como o xamanismo. A religião tradicional Tikuna ainda se encontra viva.

As religiões externas que se fazem presentes nas comunidades Tikuna são hoje um fator para o encontro e para a circulação geral dos Tikuna entre as mais diferentes aldeias. Diferentemente da festa da moça nova, que é o grande ritual de passagem Tikuna, que possui convidados e uma ocorrência própria, as festas religiosas não-tradicionais entre os Tikuna apresentam um calendário fixo e mais geral. Além disso, costumam atrair muita gente, independentemente de sua própria religião professada. Abordamos esse tópico na seção a seguir.

2.3 - O calendário tradicional e o calendário das festas religiosas não- tradicionais entre os Tikuna

Para entender melhor o calendário entre os Tikuna, vamos partir da sua cosmovisão e de como é feita a leitura da área geográfica onde interagem. Sabemos que na visão dos Tikuna o mundo geográfico é dividido em dois lados principais: onde o sol nasce e onde se põe. Além dessa divisão, há uma outra, referente ao ciclo de vida, que é dividido em dois grandes fenômenos da natureza: a época da cheia e a da vazante.

Na época da cheia, a água sobe e alaga a parte inundável da floresta amazônica. É o inverno. A outra época é quando o rio começa a secar, o que é chamado de vazante. É o verão. Também existe uma época de friagem⁵⁴, que anuncia o período da vazante. Quanto ao início do período da cheia, esse é anunciado pelo som da voz de uma ave – **wōtaracu/ ngutaracu** [wōtaracu ngutaracu / wōtaracu ngutaracu]

Esta diferença entre as épocas relacionados às águas influencia a vida deste povo, mas há ainda outros pontos. Os Tikuna são também coletores e se baseiam nas épocas em que as frutas do mato começam a se produzir. Esta subdivisão em épocas é muito notável para controlar o tempo, ou seja, o ciclo de vida deste povo. Por isso, quando perguntamos a algumas pessoas ainda não escolarizadas sobre o tempo em que se deu um determinado acontecimento, elas vão se referir à época em que cada fenômeno acontece. Desta maneira, indicam o dia do nascimento de um filho ou falecimento de alguns parentes. A contagem do ciclo que acontece na natureza era, tradicionalmente, um fator indicativo para este povo e, por meio deste, seus membros circulavam na área que era ocupada por eles.

⁵⁴ Ultimamente, com a conturbação do clima no planeta Terra, a época da friagem vem ficando comprometida: a friagem acontece, mas nem sempre é seguida pela vazante.

Este controle do tempo já foi descrito pelo missionário capuchinho Frei Fidélis de Alviano, na primeira metade do século XX (Alviano, 1943: 24-26), quando esse se referiu ao “*Calendário dos índios Ticunas*” :

“Como se vê, não têm valor o nome dos meses nem das estações, a linguagem regional, mas sim os fenômenos, fatores sensíveis da natureza, que operam às suas vistas e sentidos, como sejam: enchente, vazante, as praias, as tartarugas, as gaivotas, as sapotas, a sôrva, etc.”

Assim, há,

“...portanto, um elenco destes fatores, determinando a quadro do tempo em que êles operam e os meses a que correspondem...”

“...O assai, marí, tucumã, etc, amadurecidos em tempos diversos, concorrem na formação do calendário indígena, determinando os vários ciclos em que se sucedem no ano.”

O controle tradicional do ciclo da vida pelos Tikuna está associado a uma marcação do tempo dos acontecimentos, o que se dá de várias maneiras, por meio de diferentes sinais. Mencionamos aqui alguns deles para, em seguida, falar das festas e seu calendário.

Sinais

Há sinais considerados como importantes na marcação do que irá acontecer com os Tikuna, sendo que os mesmos já vinham marcando o seu convívio, o que era respeitado tradicionalmente. A seguir mostramos alguns que os Tikuna costumam usar para controlar o seu tempo ou ciclo de tempo.

Sol (üacü)

Antes do contato com o mundo ocidental (sobretudo, em sua atualidade) , o dia, era dividido apenas em três partes.

i) % □'#wa [wa] /e/ 'algo que ainda não se consegue ver direito, escuro (com pouca claridade)' + / / 'NOMLZR' + /wa/ 'LOC' 'período pouco escuro'- o que indica que está clareando o dia ou amanhecendo, havendo componentes escuros;

ii) **tocutchi** [to:kutli] /t/ 'sentar' + /kutli/ 'meio-dia' [sol] 'sentado no meio' (meio-dia)

iii) **yauanecü** /dla[anek]/ [dla[an[k]] ; também **yaanecü** / d[aaanek]/ [d[aa:n[k]]

/dla[anek]/ /dla/ 'azul'⁵⁵+ /ane/ 'lugar/mundo/roça' + k 'NOMLZR' 'aquele (que é) mundo azul'

/ d[aaanek]/ /dla/ 'pesado' + /ane/ 'mundo' + /k/ 'NOMLZR' 'aquele (que é) mundo pesado'

Algumas observações são necessárias. Na primeira parte do dia (i), ainda há escuridão, com um pouco de claridade; na segunda parte (ii), o sol está no centro do céu; e na terceira, a luminosidade vai desaparecendo (**yauanecü**), na medida em que a cor azul, para os Tikuna, é próxima do preto, e o mundo ficar azul significa um mundo que vai se aproximando do escuro. A outra palavra para designar também essa parte do dia (**yaanecü**) é aquela em que o mundo fica pesado porque a visão fica pesada, não se conseguindo enxergar o mundo com clareza. Com relação às atividades tradicionais cotidianamente mantidas nessas partes do dia, essas são as seguintes:

i) %'#wa – as atividades feitas durante este período são variadas, dependendo do trabalho a ser realizado; se for para plantar, se faz neste período; como os Tikuna habitam onde a temperatura do sol é elevada, as atividades realizadas neste período são aquelas que são feitas ao ar livre, como, por exemplo, ida à roça (por exemplo, para plantar e/ou pegar mandioca), pesca com arpão, com flecha.

⁵⁵ Em Tikuna, 'azul' e 'verde' são indicados pelo mesmo morfema – yau /dla/ [dla].

- ii) **tocutchi** – atividades fora da casa realizadas na sombra (fora da luz do meio-dia), como capinar em roça com árvore alta (por exemplo, em um bananal, que fornece sombra); atividades na casa de farinha, que é coberta (por exemplo, descascar a mandioca);
- iii) **yauanecü / yaanecü** – organização das coisas para voltar no dia seguinte; volta para a casa.

Tradicionalmente, essas atividades eram feitas em família (e ainda são), sendo que, atualmente, as crianças quase não participam, porque estão em atividades escolares. Apesar das atividades devidas ao contato com o mundo não-indígena, essas divisões do dia ainda são observadas.

Lua (tauemacü)

Para o mundo Tikuna, a lua também é uma das principais referências de controle do tempo: a lua cheia (**tüemagu**) determina, por exemplo, o período de plantação, da busca por palha, derrubada de árvore para fazer canoa e da realização da festa tradicional da moça nova, antes do período de colonização por outros povos (**tomagü** /tomagü/ [tʰmagü] (/toma/ ‘outro; diferente’ + /gü/ ‘plural’) ‘os outros’). No caso da festa da moça nova, é importante observar que essa, apesar de não ter data definida, porque acontece em tempos variados, sempre acontecia (e acontece) na época da lua cheia.

Outros sinais

Existem animais como pássaros e outros que serviam para organizar o tempo entre os Tikuna. Aqui ainda não será aprofundado o levantamento destes elementos.

Determinadas atividades, tanto em partes do dia quanto aquelas dependentes da lua, podem ser individuais ou no contexto da família, podendo ainda se dar no âmbito de grupos maiores, como no caso do ajuri ‘mutirão’, que se fazia muito e hoje muito pouco, sobretudo nas comunidades muito próximas de centros urbanos. Nestas, o ajuri praticamente não se realiza, o que diminui a manutenção das possibilidades tradicionais de constituição de grupos de interação.

As festas e seu calendário

No que diz respeito às festas nas comunidades, é preciso distinguir entre a festa ritual (rito de passagem) da moça nova e as festas não-tradicionais que ganham lugar no mundo Tikuna.

Festa da moça nova

Quando para uma menina chega a sua primeira menstruação, ela deve ficar isolada no mosquiteiro, tendo contatos apenas com sua mãe ou parentes mais próximas, como tias e avós. Enquanto a família faz o preparativo para a festa (bebida, moqueados (tipo de comida), a moça aprende a fazer várias atividades femininas que lhe competirão quando ela for integrada à sociedade em uma nova condição. Esta festa é como um processo de passagem de uma menina para o mundo adulto.

O ritual dura três dias e é muito bonito. As pessoas dançam, cantam, tocam flautas, brincam de mascarados. Tem bebidas como pajuaru (bebida típica dos Tikuna), caiçuma (bebida típica amazônica feita de macaxeira). As pessoas confraternizam através desta festa, sendo que toda a mitologia Tikuna é acionada durante o ritual. Na hora da festa, a moça fica isolada no **turi**, um curral feito de talos de buriti e pintado segundo a sua nação (clã) de pertencimento. A partir daí, a moça é pintada e passa as noites com as mulheres mais velhas, que lhe dão conselho. Durante o amanhecer do terceiro dia, a moça é levada para o meio da casa de festa e fica sentada no chão. As mulheres mais velhas da mesma nação (clã) da moça começam a cantar e, enquanto cantam, vão puxando cada fio de cabelo da moça. Um tufo de cabelo é deixado no alto da cabeça para ser arrancado, de uma só vez, ficando a moça, então, com a cabeça completamente pelada. Os mascarados reaparecem para dançar com ela. Encaminhando-se a festa para a sua parte final, a moça é levada, em comitiva, em cima de um tururi redondo. Carochos de tucumã são entregues

à moça, que deve atirá-los no tronco da árvore. A partir daí, ela é levada para o igarapé ou o rio, e colocada na água. Ela dá, nadando, três voltas em torno de um pé pequeno de taperebá já enfiado na água. E é levada de volta. A festa termina com várias coisas usadas na festa sendo descartadas na água (tururi, etc).

A festa da moça nova não segue um calendário específico. Como já mencionamos, segue tempos variados, mas sempre acontece o período da lua cheia.



Festa da moça nova. Desenho feito por Raimundo Leopardo Ferreira (**Tchaireïcü** ‘ durante o levantamento de materiais para elaboração de livro didático Ngewane (em andamento). Junho de 2017.

As festas religiosas não- tradicionais

Observamos que, com a entrada das religiões e de outra cultura, a visão tradicional foi sendo afetada, com o uso do calendário gregoriano ou cristão, ou seja, o

calendário usado hoje é a da sociedade envolvente, sendo que o mesmo está sendo utilizado para controlar o ciclo de convivência nas aldeias. É fato que

*“...a maior parte do mundo católico aceitou a mudança, mas foram vários os países que rejeitaram a alteração, fazendo com que mais de um calendário existisse no mundo cristão. Os últimos países a adotarem o calendário gregoriano na Europa foram a Grécia, em 1923, e a Turquia, em 1926.”*⁵⁶

E mesmo aconteceu com o povo Tikuna. Com a entrada de colonizadores, mudou a maneira Tikuna de viver e de pensar o mundo no seu dia a dia. Aqui apresentaremos exemplo de um calendário externo que, hoje em dia, os Tikuna usam para confraternizarem entre si e que propicia o intercâmbio linguístico. Vejamos como isso se dá.

Em dezembro e janeiro, os Tikuna se deslocam entre várias aldeias para comemorar o Natal e a entrada de um novo ano.

Na comunidade de Umariçu I, durante o mês de junho, é festejado o aniversário da aldeia. Em 13 de junho, há o aniversário do padroeiro de Umariçu I; em 22 de setembro, aniversário da igreja indígena de Umariçu I; em 15 de outubro, aniversário da comunidade de Umariçu II; em 29 de setembro, aniversário da igreja batista de Umariçu II.

Na comunidade Arara, na Colômbia, 13 maio é o dia do aniversário da comunidade, e na comunidade de Bella Vista Callaru no Peru, em 13 de março se comemora o aniversário da igreja batista.

Mostramos, no Quadro 3, um calendário do conjunto das festas não-tradicionais Tikuna em determinadas aldeias, o que permite visualizar uma amostra parcial de como os Tikuna na atualidade se deslocam. Esta amostra não é como antigamente, não coincide com as épocas de coleta (que seguem a tradição) e, conflitando com a própria tradição Tikuna, exhibe um roteiro que mudou completamente a visão antiga deste povo, fazendo com que este adote uma nova forma de confraternização. Assim, a festa tradicional da

⁵⁶ Fonte: <https://escolakids.uol.com.br/historia-do-calendario.htm>. Acessado no dia 11.04.2018.

moça nova ainda continua sem definição de datas , mas, diferentemente do que diz a tradição, passou a acontecer, em várias aldeias, sempre em um final semana, devido à implantação do calendário religioso e, ainda, à chegada da escola, que mudou completamente o convívio anterior. Na atualidade, os Tikuna também têm uma forma de confraternização através do esporte e de festivais de músicas e outros, que eu chamo de folclorização da cultura.

Atualmente os significados associados ao acontecimento dos fenômenos vistos sob a ótica da tradição vêm sendo fortemente atingidos em diferentes aldeias. São poucas as pessoas que ainda usam esta visão, principalmente aquelas que ainda mantêm a tradição. Ressaltamos que, na próxima pesquisa, mostraremos com mais detalhe um calendário mais detalhado de circulação do povo, incluindo outras aldeias além daquelas que observamos neste estudo.

Quadro 3. Calendário do conjunto das festas não-tradicionais Tikuna (com exceção de Natal e Ano Novo)

Aldeias	Meses											
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Umariáçu I (BR)						04/06 Aniversário da Comunidade						
Umariáçu II (BR)		22/02 Aniversário Igreja Cruzada		19/04 Anivers. Igreja Wesleyana		20/06 Aniversário da Igreja Cruzada		15/08 Anivers. da Comunidade	30/09 Anivers. Igreja Batista			
Filadélfia (BR)			30/03 Anivers. Igreja Batista						04/09 Anivers. Escola			
Feijoal (BR)									15/09 Anivers. da Igreja			
Arara (CO)					13/05 Anivers. Aldeia							
Nazareth							19/07 Anivers. Aldeia					
Bella Vista (PERU)			22/03 Aniver. da Igreja									

Cushillo Cocha (PERU)			07/03 Anivers. da Igreja Independente								06/11 Anivers. da Comunidade	

Nas datas acima registradas, os moradores de diferentes aldeias se deslocam para participarem do evento onde as festas são realizadas.

2.4 Visão nativa sobre a língua Tikuna

Abordaremos aqui a visão nativa Tikuna sobre a língua materna, isto é, veremos o que pensam os Tikuna sobre a sua própria língua em um aspecto tradicional.

Podemos dividir os Tikuna em três grandes grupos: a) os tradicionais, que são aqueles que ainda continuam praticando e respeitando as tradições milenares do próprio grupo, ou seja, são aqueles que ainda praticam e respeitam os métodos de convívio social milenar, vivendo dentro de suas práticas culturais; b) os religiosos, grupo cujo nome já nos diz que esses são influenciados pelas religiões que foram inseridas por segmentos da sociedade envolvente, sendo que seus membros já cresceram em um mundo de espiritualidade ocidental e não de espiritualidade tradicional; c) os escolarizados, um novo grupo que começou a ter uma visão científica das coisas que estão ao seu redor; os mesmos acreditam que a cultura e a visão religiosa tradicionais dos Tikuna são simplesmente uma invenção de um mundo que sujeita as pessoas a uma coisa “sem futuro”, isto pertenceriam definitivamente a um passado já superado.

Exemplifiquemos o que pensa uma pessoa sobre a sua própria língua, a partir dos grupos mencionados acima, tal como os percebemos.

Vejamos um exemplo a partir do primeiro grupo, o dos tradicionais, considerando a concepção de uma anciã de Umariçu I. Ela explica a importância da língua falada e a sua preocupação com o falar bem a língua. Quando ela fala sobre isso, ressalta uma grande preocupação com o que pode acontecer com a língua, quando essa não está sendo utilizada para a cultura, nem está sendo transmitida de geração a geração de uma maneira adequada, correta (correta conforme a tradição), podendo, dessa forma, se perder a originalidade da fala e até da tradição. Ela se refere aqui ao enfraquecimento da cultura. O depoimento dessa anciã nos faz refletir sobre o que é o impacto linguístico concebido no interior do primeiro grupo. Há aqui uma visão preocupada com a tradição e o com a manutenção da mesma. E estar num caminho diferente não significa transformar o que é próprio de uma tradição que nos foi legada pelos nossos ancestrais. Devemos respeitar e

cuidar da fala, porque através dela é que conseguimos passar a sabedoria tradicional. Nas palavras da própria anciã cujo depoimento tomamos:

“Ngi’ã rü nūna tadaugü i taga na ngemaãcü tama nge’ta mare na nge’etchi#ca’.

‘Vamos cuidar da nossa fala (língua) para, assim, não levar o que pensamos para outro lado’.

Vemos, assim, que, no contexto do primeiro grupo (o dos tradicionais), não é errado acreditar na religião, nem nas ciências, mas sim o que importa é que, através da língua, é que podemos estar sempre em harmonia uns com os outros e passar o conhecimento, sendo o mesmo conduzido de uma maneira adequada, para que a cultura não seja entendida de uma forma errante, mas sim de uma forma bem tradicionalmente considerada correta.

Este pensamento nos faz refletir sobre o que as pessoas tradicionais pensam a respeito do uso da língua, ou seja, da língua em um âmbito tradicional: a mesma é um instrumento de identidade cultural e tradicional. Portanto, para os Tikuna, de um ponto de vista tradicional, o bem falar sua própria língua nos oferece a manutenção da cultura e de toda a sabedoria desta sociedade, que está em um processo contínuo de contatos com várias culturas do mundo.

3- ALGUNS ASPECTOS DA LÍNGUA TIKUNA E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Como toda língua é dinâmica, o nosso investimento de pesquisa foi (e continua a ir) na direção da busca pelos fatores que levam à variação e sua natureza, buscando entender a realidade em que se move o povo Tikuna e suas concepções, no quadro de um dinamismo que envolve e afeta a sua própria língua. Para isso, em nossa pesquisa de campo, consideramos aqueles aspectos linguísticos que mais nos chamaram a atenção. Esses aspectos envolvem variações fonético-fonológicas e variações lexicais, abordados aqui cada um em uma (sub)seção específica.

O Tikuna é uma língua tonal que possui complexidades fonológicas e sintáticas e que vem sendo estudada, cientificamente, por Soares¹¹³, no Brasil, e por Montes¹¹⁴, na Colômbia. Mais recentemente, pesquisadores Tikuna vêm se voltando para o estudo de sua língua, no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*, na Colômbia e no Brasil.

Nesta seção, não nos ocuparemos da sintaxe Tikuna, mas de aspectos que dizem respeito à sua fonética, fonologia e morfologia. Em relação à parte fonética e fonológica, focalizaremos os fenômenos de queda e alongamento vocálico, a questão da variação fonológica por proximidade perceptual e/ou articulatória, além de um determinado tipo de ditongação. Também faremos algumas colocações sobre processos, variações que ainda não desenvolvemos plenamente em nossa pesquisa de campo. Além disso, trataremos de determinadas variações lexicais, mostraremos empréstimos que entraram na língua Tikuna, após receberem a adaptação fonológica a essa língua.

Sempre que necessário, faremos referência a estudos já existentes sobre o Tikuna, quando estiver em jogo determinado aspecto ou fenômeno linguística. Emprega-se aqui a ortografia Tikuna, ao lado de representações fonéticas e fonológicas, acompanhadas, quando é o caso, de segmentação morfológica de formas linguísticas complexas.

Este capítulo se encerra com um levantamento de fatores que, estando presentes na sociedade Tikuna, podem ser utilizados como balizadores do estudo da variação linguística entre os Tikuna.

¹¹³ Marília Facó Soares.

¹¹⁴ Marília Emília Montes Rodríguez.

3.1 Representação dos dados e informações sobre a ortografia Tikuna. Correspondência entre representações

Para representação fonética dos dados em Tikuna, utilizamos o Alfabeto Fonético internacional (AFI / IPA). Ao mesmo tempo, nossos dados são apresentados sob forma escrita em Tikuna. E, sempre que necessário, mostramos a representação fonológica de vários dados. É a seguinte a correspondência entre unidades gráficas, símbolos fonéticos e unidades fonológicas neste nosso trabalho.

Consoantes

Grafia ¹¹⁵	Realização fonética	Representação fonológica
b	[b]	/b/
c, qu	[k]	/k/
d	[d]	/d/
f ¹¹⁶	[ɸ]	/k/
g	[g]	/g/
m	[m]	/m/
n	[n]	/n/
nh	[ɲ]	/ɲ/
ng	[ŋ]	/ŋ/
p	[p]	/p/
r	[r]	/r/
t	[t]	/t/
tch	[tʃ]	/tʃ/
w	[w],[ɰ],[ɰɰ]	/w/
y	[dʲ]	/y/

Vogais

Grafia	Realizações fonéticas	Representação fonológica
u	[u],[ɯ],[o]	/u/
i	[i],[ɪ]	/i/
ü	[ɨ],[ɨ]	/ɨ/
o	[ɔ]	/o/
e	[ɛ],[e]	/ɛ/
a	[a]	/a/

¹¹⁵ A apresentação das letras aqui se dá conforme sua ordem de aparecimento no alfabeto utilizado, até o momento, pelos Tikuna do lado brasileiro. Na escrita do Tikuna, tal como praticada no Brasil, o sinal de apóstrofo indica a oclusão glotal. O til indica nasalidade e os tons não são representados na escrita, a menos que o contexto não seja suficiente para retirar a ambiguidade porventura existente.

¹¹⁶ A letra <f> alcançou um lugar (restrito) na representação escrita do Tikuna no Brasil, em razão da reivindicação daqueles que falantes que tinham (têm) a realização [ɸ] em sua produção linguística.

Durante a nossa pesquisa, descobrimos quatro convenções de proposta ortográfica para a escrita da língua Tikuna (duas no Peru, uma na Colômbia e uma no Brasil).

Segundo Nerea (2010: 42), as quatro propostas ortográficas em questão, têm uma diferença mínima, e elas seguem a escrita das línguas oficiais de cada país, como castelhano e português. A escrita dessas duas línguas não permite que haja muitas diferenças na sua representação gráfica, porque ambas são de origem latina. O quadro abaixo mostra as unidades de representação escrita propostas para o Tikuna, conforme o país seja o Brasil, o Peru e a Colômbia. No caso do Peru, é preciso levar em conta as instituições proponentes, cada uma com suas políticas lingüísticas. O quadro a seguir apresenta apenas as diferenças existentes entre essas propostas, mas não seus detalhes.

	Brasil	Colômbia	Peru	
			ILV ¹¹⁷	FORMABIAP ¹¹⁸
/k/	c, qu	K	c, qu	k
/tʃ/	tch	Ch	Ch	ch
/ɲ/	nh	ɲ	ɲ	ɲ
Laringalização	a'	ǎ	ǎx	Ax
Oclusão glotal	‘		Ax	A
Tons	á (alto) (quando necessário)	á (alto) a (médio) à (baixo)	á (marcado em algumas ocasiões)	Não é marcada

Não discutiremos aqui estas propostas, mencionando apenas que estas são importantes para podermos entender melhor as futuras discussões sobre a escrita do Tikuna. Neste nosso trabalho, será utilizada a grafia adotada pelo lado brasileiro.

¹¹⁷ O Instituto Linguístico de Verano (ILV), mais conhecido como SIL- Summer Institute of Linguistics -, é **que** o mesmo que , por meio dos missionários Lambert Anderson e Doris G. Anderson, sustentou uma descrição da língua Tikuna do lado peruano e que realizou a primeira escrita da língua Tikuna para o Peru.

¹¹⁸ O FORMABIAP- Formación de Maestro Bilingüe de la Amazonía Peruana é um programa para formar professores em Educação Intercultural Bilingue, abrangendo 64 grupos étnicos da região amazônica do lado peruano, inclusive os Tikuna, que fazem parte desta formação. O FORMABIAP tem o propósito de apoiar os povos indígenas, para que esses desenvolvem e construam a sua própria autonomia.

3.2 Variações fonético-fonológicas

3.2.1- Queda e alongamento vocálico

Entre os dados que coletamos na tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia, relativamente à língua Tikuna, notamos certos alongamentos vocálicos, como mostram os seguintes dados¹¹⁹:

Grafia em Tikuna Brasil	Umariçu I (Brasil)	Arara (Colômbia)	Bella Vista Callaru (Peru)	Tradução em Português
1. mana#ca ¹²⁰	-----	[mana□□□ka]	[mana□□ka]	‘então’
2. cümana	[k□mana], [k□na]	[k□ana]	[ka:na]	‘não é mesmo?’
9. nibai’neanecü’ü (ni-bai’-ne-ane-cü’ü) 3p-brilho- acelerado e intermitente- terra,mundo – mov.rápido e repetido	[nibai□neak□:]	[nibai□blanek□:]	[nibaineak□:]	‘está relampejando’ (‘está brilhando aceleradamente no mundo/na face da terra, em movimento rápido e repetido’)

Na primeira palavra acima, mana#ca ‘então’, podemos observar que uma esperada vogal /w/, possível de se materializar aí como [w] na produção linguística de falante originário e morador (a maior parte do tempo) do chamado ‘início do baixo rio’^{121 122}, não ocorre nas realizações que obtivemos na tríplice fronteira. Na realidade, nossos dados não

¹¹⁹ Os segmentos (consoantes ou vogais) envolvidos em um processo são indicados aqui em negrito. Quanto à numeração dos dados, essa segue aquela que apresentamos na tabela final relativa ao *conjunto* de dados coletados e que se encontram nesta dissertação como anexo (**Anexo I**)

¹²⁰Fonte: Livro *Tchorü Du##güca’ tchanu ‘Minha luta pelo meu povo’* (SOARES, PINHEIRO, CARMO, Professores Ticuna (2014)).

¹²¹ Lembramos que o ‘início do baixo rio’ se refere a uma área que abrange as grandes aldeias Vendaval e Campo Alegre, além de várias aldeias menores. É nessa área que está a maior concentração de aldeias pertencentes ao município de São Paulo de Olivença.

¹²² Esta é a realização encontrada na fala, por exemplo, de Pedro Inácio Pinheiro (Ngematücü), autor da narrativa constante do livro *Tchorü Du##güca’ tchanu ‘Minha luta pelo meu povo’* (Márlia Facó Soares).

mostram [ɔ̃], e sim uma vogal [ɔ], com nasalidade fonética, em situação diferente em suas ocorrências: na fala observada do Tikuna na aldeia Arara, do lado colombiano, houve uma modificação de [ɔ], mais *puxado* (alongado); do lado do Peru, na aldeia Bella Vista Callaru, aconteceu um ditongo, observado na pronúncia [aɔ̃]. Nossa intuição, como falante nativo, é a de que a vogal [ɔ] com nasalidade, nos dois casos, não é proveniente de uma alteração de /ɔ̃/. Ao contrário, percebemos a vogal [ɔ] como estando aí mais próxima de [a], isto é, como fazendo parte de algo junto com [a]. Esse algo seria uma espécie de ditongação de [a]. Essa noção intuição vai na direção do que já havia demonstrado Soares (1984), em trabalho sobre os traços acústicos das vogais em Tikuna¹²³:

...a vogal [ɔ̃] tende...a se expandir na direção de uma vogal mais baixa ou, então, a se manter “paralela” a [i]... (Soares, 1984:147)

Isso quer dizer que, se formos pensar em um processo fonológico que leve ao aparecimento de [ɔ̃], na palavra em questão, mais simples será pensar em uma ditongação de [a], do que em um processo que faça /ɔ̃/ se tornar [ɔ̃]. Ao lado da ditongação, ~~mas~~supor também que a possível queda de uma vogal central e alta (/ɔ̃/), no contexto de /k/, contexto existente na palavra em questão, pode favorecer o surgimento do alongamento da vogal precedente (como se vê no caso do dado [manaɔ̃ka] – aldeia Arara, Colômbia): após a queda de uma vogal central e alta (/ɔ̃/¹²⁴), o tempo da duração desta vogal poderia ser passado para a vogal precedente, que é, então, alongada. Com isso, nossa hipótese é a de que quedas de uma vogal podem levar ao alongamento de uma vogal que esteja ao lado (vogal adjacente). Esse alongamento pode, assim, acontecer ou não: no caso da aldeia Bella Vista Callaru, no Peru, o [ɔ̃] que ocorre na palavra [manaɔ̃ka] ~~foi~~ não foi alongado.

A queda de vogal central alta também se dá no segundo dado exemplificado: no contexto de /k/, desta vez se seguindo imediatamente a essa consoante, se dá a queda de /ɔ̃/, ocasionando o alongamento da vogal seguinte, que é baixa e que passa a ser o núcleo da sílaba em que está /k/. Ocorre que, diferentemente do dado anterior (1), o dado em (2)

¹²³ Os dados presentes em Soares (1984) foram coletados em Vendaval, aldeia do município de São Paulo de Olivença, área do ‘início do baixo rio’.

¹²⁴ Não notamos, até o momento, em nossos dados, realizações mais recuadas ([ɔ̃]) dessa vogal.

mostra a queda da vogal central e alta no contexto de /k/, com alongamento subsequente, no lado peruano (e não na parte colombiana). Aparentemente, nossos dados apontam aí para uma tendência para queda e alongamento vocálico que sendo observada em dois lados de uma fronteira de estado, parece atingir palavras diferentes, em um lado ou outro da fronteira, “caminhando” por palavras no interior de um léxico (difusão lexical).

O dado em (9), por sua vez, mostra que a queda e o alongamento vocálico podem estar nos três lados da fronteira. É o que se dá na palavra referente a ‘está relampejando’: aí, todas as ocorrências que observamos, nas três aldeias mencionadas, apresentam alongamento da vogal que aparece no final da palavra. Esse alongamento, aparentemente, não envolve simplesmente uma queda vocálica em contexto de contigüidade com /k/ , mas sim a combinação da oclusão glotal com a vogal que essa glotal corta e, além disso, o tempo dessa glotal e a sua ligação com essa vogal. Nossa intuição é a de que a oclusão glotal, em dados como (9), representa um corte, um golpe sobre a vogal precedente, podendo levar à laringalização dessa mesma vogal. Uma representação fonética do dado em (9), em conformidade com a nossa intuição, seria algo como se vê a seguir:

9. nibai’neanecü’ü

(ni-bai’-ne-ane-cü’ü)

3p-brilho-acelerado e intermitente-terra,mundo – mov.rápido e repetido [nibai^hneak^h□□]

Se a nossa intuição estiver correta, também teremos aqui uma eliminação da oclusão glotal e uma modificação fonética na realização do seu suporte (a vogal que lhe dá sustentação deixará de receber o golpe de glote). O tempo da oclusão glotal não será, porém, perdido, indo recair sobre a parte vocálica final da palavra, que se materializará, então, foneticamente, como longa, daí resultando o alongamento vocálico.

Nos três casos examinados (1, 2 e 9) e referentes a alongamento vocálico, esse se apresenta como um processo de natureza fonética cuja variação não parece ser condicionada geograficamente: é um processo que, ocorrendo nos três países da tríplice fronteira, possui motivações internas à própria língua e que, possivelmente, ocorre em outros pontos da grande área Tikuna.

3.2.2- Variação fonológica por proximidade perceptual e/ou articulatória

3.2.2.1- Variação fonológica entre /o/ e /a/

Ao analisar, do ponto de vista acústico, vogais do Tikuna, Soares (1984), em artigo específico sobre traços acústicos¹²⁵, chegou a determinados resultados com relação a [a] e [o]. São estes:

“...[a] se diferencia bastante de [u] e [o]...a esse respeito [o] é uma vogal muito mais avançada” (Soares (1984: 146);

[a] e [o] se mostram como vogais muito próximas, embora suas áreas não se interceptem (cf. Soares (1984: 149)).

A proximidade acústica entre [a] e [o] vem favorecendo a variação fonológica entre /a/ e /o/, que são duas das unidades fonológicas do sistema vocálico Tikuna. Essa variação pode ser exemplificada através de dados como os seguintes, que se encontram representados sob forma escrita em Tikuna e presentes em publicações que contemplam essa língua no Brasil:

/a/ [a]	/o/ [o]		Fontes
narü	Norü	‘dele’	OGPTB (2002a:11; 2002b:9)
Natürü	Notürü	‘então’	OGPTB (2002a:11; 2002b:9); Soares, Pinheiro, Carmo, Professores Ticuna (2014: 14)
Marü	Morü	‘já’	Soares, Pinheiro, Carmo, Professores Ticuna (2014: 14)

Em nossos próprios dados, referentes à tríplice fronteira, essa variação fonológica foi encontrada no núcleo vocálico da forma referente à primeira pessoa do singular em formas nominais e pronominais, como se pode ver em (13), (15) e (19) abaixo:

Grafia em Tikuna Brasil	Umariáçu I (Brasil)	Arara (Colômbia)	Bella Vista Callaru (Peru)	Tradução em Português
7. nhama	[ãma]	[ama]	[ma]	‘este, hoje...’

¹²⁵ Esse artigo saiu publicado com o título “Traços acústicos das vogais em Tükuna”.

13. tamae'pü	[tamaʎpʎ]	[tamaʎpʎ]	[tʌmaʎpʎ]	'três' (numeral)
15 tchama (tcha-...) '1P.S.'; forma livre)	[tʎama]	[tʎaʎma]	[tʎʌma]	'eu'
19 tchawemü (tcha-wemü) 1P.S.-comida	[tʎaʎmʎ]	[tʎaʎwemʎ]	[tʎʌwemʎ]	'minha comida'

Os fatos mostram que a variação entre /o/ e /a/ não é uma característica exclusiva de aldeias Tikuna que ficam na tríplice fronteira. Como a proximidade acústica entre as duas vogais em questão é muito grande, podemos dizer que a variação fonológica em questão se deve a um processo motivado por uma característica física presente na fala e que faz com que essas duas vogais fiquem perceptualmente muito próximas, facilitando a variação entre ambas. Assim, esse processo pode ser visto como bastante natural, sendo importante saber como esse se expande dentro da grande área Tikuna e que caminhos toma dentro dessa área.

3.2.2.2 Variação entre /ʎ/, /i/, /u/

Em quadros constantes de Soares (1984) e resultantes de análise acústica realizada – Quadros I e II (Idem, p. 147; 150) –, a área vocálica de /ʎ/ exibe uma expansão tanto na direção de /i/ quanto na direção de /u/, o que é favorecido pelo contexto consonantal em que se dá a realização da vogal. Encontramos exemplo de variação fonológica relacionável a esse caso em um dos dados que coletamos na tríplice fronteira. Veja-se o dado em (23).

Grafia em Tikuna Brasil	Umariáçu I (Brasil)	Arara (Colômbia)	Bella Vista Callaru (Peru)	Tradução em Português
23. wü'i	[ʎʎʎi], ʎ	[ʎiʎa]	[wʎi]	'um'(numeral)

No caso do numeral ‘um’, percebemos três maneiras de pronunciar esta palavra, como mostrado em (23) acima. Focalizando os dois núcleos silábicos dessa palavra, temos que:

- a) no Brasil, em Umariçu I, se pronuncia a sequência em questão como [ɯi] ou como [iɯ]¹²⁶, aparecendo uma oclusão glotal entre as duas vogais;
- b) no Peru, na aldeia Bella Vista, a realização da vogal ocupante do primeiro núcleo silábico, está vinculada a /u/, sendo pronunciada como mais aberta, relaxada - [ɯi];
- c) na Colômbia, na aldeia Arara, a vogal ocupante desse primeiro núcleo silábico aparece como [i], realização vinculada a /i/; após a oclusão glotal, tem-se /a/, sendo produzida a sequência [iɯa]¹²⁷.

Como nos interessa a natureza da variação e seu percurso, consideramos que a variação entre /ɯ/, /i/ e /u/, no caso em questão, nasce de uma proximidade perceptual relacionada à própria área vocálica de /ɯ/, havendo também um papel a ser atribuído às realizações consonantais ([ɰ], [ɱ]), ambas vinculadas, em Tikuna, ao fonema /w/, que abre a primeira sílaba da palavra em (23). Essas realizações podem ter influência sobre a realização da vogal no primeiro núcleo silábico: [ɰ] favoreceria realização mais anteriorizada ou mesmo centralizada da vogal no núcleo silábico, enquanto [ɱ] levaria a uma realização mais posteriorizada dessa vogal. Essa sendo uma hipótese viável, resta saber como essa variação se propaga dentro da grande área Tikuna.

3.2.2.3 Variação entre /ɯ/ e /u/

Em diferentes lugares da área Tikuna, é possível colher dados que comprovam a existência /ɯ/ e /u/ como fonemas da língua. Provas de contraste (oposição) entre essas unidades podem ser vistas abaixo¹²⁸:

¹²⁶ Se considerarmos outras aldeias mais para dentro no Brasil, mais especificamente no município de São Paulo de Olivença (por exemplo, Vendaval), será possível constatar que nessas últimas, a sequência produzida será, majoritariamente, [ɯi].

¹²⁷ Ainda não temos uma hipótese para a ocorrência de [a] (/a/) ao final desta palavra, na Colômbia.

¹²⁸ Dados fornecidos por Damião Carvalho Neto (Atchigücü ‘Aquele que está cantando’; clã inambu,), originário do município de Amaturá (Baixo Solimões), com a concordância de ouvintes Tikuna provenientes das comunidades de Bom Caminho, Belém do Solimões e Campo Alegre (Alto Solimões).

nha'#	□ □ [□□□ □]	A M /ŋa□□/	'grudento'
nga'#	□ □ [□□□ □]	A M /ŋa□ □/	'embriagado'
nhu'ma	□ □ [□□□ □]	B M /□□□□□/	'agora'
ngu'ma (ngu' - ma dor-orifício, buraco)	□ □ [□□□ □]	B M /□□□□□/	'dor no buraco'

A existência dos fonemas /ŋ/ e /ɲ/ em Tikuna não impede, porém, que seja ~~uma~~ uma variação envolvendo essas duas unidades fonológicas, que são articulatoriamente muito próximas. Registramos esse fato nas comunidades em que realizamos nossa pesquisa, na tríplice fronteira:

Grafia em Tikuna Brasil	Umariçu I (Brasil)	Arara (Colômbia)	Bella Vista Callaru (Peru)	Tradução em Português
6. ngeguma	[ŋeguma], [ɲeguma]	[ŋeguma] [ɲeguma]	[ŋeguma],[ɲeguma]	'neste tempo;quando (não passado)'

O registro que fizemos mostra que essa variação ocorre nas três aldeias que visitamos. Essa mesma variação ocorre em outros pontos da área Tikuna, o que nos leva a descartar o fator geográfico como sendo de relevância para essa ocorrência. O quanto essa se encontra atuante (nas comunidades, na fala das pessoas, na fala, talvez, de uma mesma pessoa) ainda é uma questão. E o quanto essa variação repercute sobre o próprio sistema consonantal da língua ainda é algo que precisa ser melhor estudado.

3.2.3 – Ditongação em estágio inicial

O ditongo [aŋ], que mostramos na seção 3.1, não é o único caso de ditongo fonético existente em Tikuna (ver Soares (1995)). No entanto, conseguimos obter dados,

na aldeia Arara (Colômbia), de uma ditongação fonética que ainda não se completou: aquela que envolve a vogal baixa ([a]) e uma porção vocálica de transição ([^u]), surgida, de acordo com nossos dados, em razão de uma consoante imediatamente seguinte dorsal ([k]) ou labial (/m/):

Grafia em Tikuna Brasil	Umariáçu I (Brasil)	Arara (Colômbia)	Bella Vista Callaru (Peru)	Tradução em Português
14. tchacutü (tcha-cutü) 1P.S.-pé	[tʃakutʃ]	[tʃa ^u kutʃ]	[tʃʊkutʃ]	‘meu pé’
15. tchama (tcha-...)'1P.S.'; forma livre)	[tʃama]	[tʃa ^u ma]	[tʃʊma]	‘eu’
19. tchawemü (tcha-wemü) 1P.S.-comida	[tʃawem]	[tʃa ^u wem]	[tʃʊwem]	‘minha comida’

Podemos perceber, por exemplo, que na primeira pessoa em forma livre (‘eu’), tal como falada em Umariáçu I, Brasil, tem-se uma vogal plena ([a], não-ditongada ([tʃama])). Já na aldeia Arara, Colômbia, pronuncia-se como se houvesse um som *len* escondido ([^u]), entre a vogal e a consoante ([tʃa^uma]). Aparece aí um som bem leve *ou* meio oculto de [u] ([^u]). Quando não prestamos atenção, esse som passa despercebido. Já em Bella Vista Callaru, aldeia do Peru, é bem audível a pronúncia de um som aberto [ʊ] [tʃʊma]. A forma linguística em jogo (‘primeira pessoa’) é a mesma; apenas o núcleo vocálico da primeira sílaba se alterou, mostrando-se como completamente arredondado (labial).

A ditongação nas formas acima mostra a existência de uma ditongação mínima, que coloca o núcleo da sílaba a caminho de uma velarização (dorsalização) ou labialização. O tempo da porção vocálica é mínimo, mas conseguimos percebê-lo auditivamente. Trata-se de um fenômeno fonético, relacionado a um movimento no plano segmental vocálico, ocorrido no interior de um morfema e processado por meio de informação proveniente de uma consoante seguinte (cf. Soares, 1995). No entanto, consideramos importante investigar esse fenômeno não de forma isolada, mas de modo a observar também a ocorrência do ditongo pleno [a^u], em que os tempos das duas porções vocálicas estão mais igualmente distribuídos e em que não há uma consoante seguinte

para condicionar a ocorrência da segunda porção vocálica do ditongo, conforme se vê no dado em (17), a seguir:

Grafia em Tikuna Brasil	Umariçu I (Brasil)	Arara (Colômbia)	Bella Vista Callaru (Peru)	Tradução em Português
17.tchaueya' (tcha-eya) 1P.S.-irmã	[tʰaʊdʰa]	[tʰa.dʰa]	[tʰedʰa]	‘minha irmã’

Nesta última palavra, [tʰaʊdʰa] ‘*minha irmã*’, a ditongação é plena, bem audível. A forma presa da primeira pessoa, que indica o pronome possessivo, se pronuncia com um ditongo [aʊ], no lado brasileiro. Já os falantes do lado da Colômbia “puxam” (alongam) um pouco o [a]. E, no lado do Peru, não se tem um ditongo, mas sim uma única vogal ([e]). Diante disso, caberia investigar o percurso das modificações que envolvem ditongos e sua relação de correspondência com o que é uma única vogal, associando a pesquisa dessas modificações ao seu uso linguístico real no interior das comunidades Tikuna, levando em conta os fatores que estruturam e se mostram dinâmicos na sociedade Tikuna.

3.2.4 Outros processos, outras variações: o que ainda não registramos

Entre os sons consonantais que alternam e que apontam para uma variação linguística merecedora de estudos estão aqueles registrados por Soares (1986: 109):

- [k] e [kʰ] (/k/);
- [w], [wʰ] (/w/);
- [m]/ [mʰ], [n] (/m/);
- [n]/ [nʰ], [ŋ] (/n/)

Com ocorrência aparentemente não-condicionada em termos linguísticos (por ocorrerem no mesmo contexto), esses sons consonantais são uma boa fonte para estudos de variação que considerem a sociedade Tikuna.

Em relação às realizações pós-alveolares ([ʃ], [ʃ]; [ʃ], [ʃ]), essas **fm** **g** por Soares na área em que se encontra a aldeia Vendaval, município de São Paulo de Olivença (Soares 1984, 1986). Sem registro para outras áreas, essas realizações estão vinculadas, muito provavelmente, a um fator geográfico. Nós não as temos nos dados que pudemos coletar na tríplice fronteira, embora reconheçamos sua existência na produção linguística de falantes que moram em aldeias situadas em igarapés (igarapé São Jerônimo, município de São Paulo de Olivença; igarapé Tacana, município de Tabatinga), sobretudo na fala daqueles que moram na cabeceira de igarapés.

No que diz respeito às realizações [w], [w] – ambas vinculadas a /w/, essas **fm** registradas por nós na tríplice fronteira. No registro tanto para a aldeia Umariçu (Brasil) quanto para Arara (Colômbia), sobressaiu claramente [w].

Quanto à variação que envolve [w] e [w], não podemos dizer que essa não **g** na tríplice fronteira. Na realidade, a esse respeito, há uma lacuna em nossos dados, o que pode ter ocorrido devido às limitações que tivemos em nosso trabalho de campo.

3.3 Variações lexicais

Na nossa coleta também apareceram variações que dizem respeito ao léxico.

No caso nº 11,

Grafia em Tikuna Brasil	Umariçu I (Brasil)	Arara (Colômbia)	Bella Vista Callaru (Peru)	Tradução em Português
11. pu'üne	[p□□□n]	[□□□n]	[t□□□□n]	'cabelo branco'

percebemos que houve uma outra escolha lexical, no interior da própria língua Tikuna, relativamente à raiz da palavra, isto é, utilizou-se uma forma diferente como raiz para a palavra em suas três ocorrências nas três aldeias. A diferença nos levou a obter certas

explicações: [pu□□] significa ‘excessivamente branco’ ou ‘branco muito branco’ ; em seu lugar está [□□□], manifestação da forma que significa ‘amargo’ e que entra no lugar daquela que indica ‘branco muito branco’, porque , segundo os consultores nativos, dizer esta palavra atrairia mais cabelos brancos (tabu linguístico). Quanto a [t□□□□□] (/t□□□□□/), esse é o termo para branco comum.

Em outro caso, está o de número 3, referente a ‘tem vários/muitos’,

Grafia em Tikuna Brasil	Umariçu I (Brasil)	Arara (Colômbia)	Bella Vista Callaru (Peru)	Tradução em Português
3. namu (na-mu) 3P-ter muitos)	[na:mu]	[na a□□wa] ‘tem um monte de coisas uma perto das outras’	[na w□□ika] ‘tem um e mais outros’	‘tem vários/muitos’

a raiz da palavra é constituída por formas diferentes nas três comunidades visitadas. Além da diferença de forma, a marca de terceira pessoa (na-) é afetada. No lado brasileiro, essa marca é prosodicamente assinalada: seu núcleo silábico ([na:]) é alongado.

Seguindo com as formas presentes no léxico, temos o caso em 4, referente a ‘mosquiteiro’.

Grafia em Tikuna Brasil	Umariçu I (Brasil)	Arara (Colômbia)	Bella Vista Callaru (Peru)	Tradução em Português
4.natchia#	[nat□ia□□]	[□□□ma]	[□□laka□]	‘mosquiteiro’

Aqui podemos perceber que a palavra correspondente a ‘*mosquiteiro*’, no Tikuna falado no Brasil, possui a seguinte constituição interna:

[na]-3P +[t□ia□□] ‘ninho’

Já no Peru e na Colômbia, a raiz é /m/ ([m]) ‘em forma de lombada’. Quanto a /ma/, ([ma]) presente, na forma coletada na Colômbia, esse morfema diz respeito a espaço. Já na forma utilizada na aldeia do Peru que visitamos, /rakare/ ([laka]) é raiz que significa ‘deitar-se junto’.

Em 5 abaixo, tem-se ‘bêbado/ embriagado’. Para essa, a fala de Umariçu I (Brasil) e a de Bella Vista (Peru) são iguais no que diz respeito à raiz manifestada como [la], que é a mesma usada para se falar quando a pessoa está cheia, referindo-se à comida (quando a pessoa fica com estômago cheio). Já na fala de Arara (Colômbia), a raiz é bem diferente. Angarita (2005) já havia notado essa diferença para referir-se à raiz da palavra ‘bêbado/embriagado’, realizada como [ali] ‘*que embriaga*’ ou ‘*adormece*’.

Grafia em Tikuna Brasil	Umariçu I (Brasil)	Arara (Colômbia)	Bella Vista Callaru (Peru)	Tradução em Português
5. nga’#	[la]	[ali]	[la]	‘bêbado, embriagado’

Passemos agora aos dados em 16:

Grafia em Tikuna Brasil	Umariçu I (Brasil)	Arara (Colômbia)	Bella Vista Callaru (Peru)	Tradução em Português
16.tchanawa’e (tcha-na-wa’e) 1PS-OI-querer	[tlanawa]	[tlanɑ:]	[tlanatla]	‘eu quero (eu o quero’ [alguma coisa ou alguém])

Podemos perceber que, em 16, no final de cada palavra obtida, existe uma raiz para expressar ‘querer’ que se manifesta de forma diferente no Brasil e na Colômbia: no caso do Brasil, essa raiz se manifesta como [wa], enquanto na Colômbia já aparece [ɑ:]], sendo o som da vogal /e/ mais alongado. Aqui, não é difícil constatar que se

da manifestação modificada da mesma raiz que ocorre em Umariáçu I, no Brasil: para entender isso, basta pensar que [ɲ] e [w] são realizações do fonema /w/ e que houve a queda de /al/; afinal, existem evidências de que quedas de uma vogal podem levar ao alongamento de uma vogal que esteja ao lado (vogal adjacente) (ver seção 3.1.1). Quanto ao dado obtido em Bella Vista Callaru, no Peru, a raiz é uma outra, alterando-se completamente o final da palavra em questão, com um detalhe importante: esse final é correspondente a um morfema (/tɔaɔɔ/, [tɔaɔɔ]) que, em Tikuna, expressa o aspecto desiderativo¹²⁹ e deve acompanhar uma raiz; no dado obtido, ele se apresenta como a própria raiz.

Consideremos agora 20:

Grafia em Tikuna Brasil	Umariáçu I (Brasil)	Arara (Colômbia)	Bella Vista Callaru (Peru)	Tradução em Português
20. tchiiyu (tchi-iyu) IPS-estar submerso e vir à superfície subitamente) 'eu vim à tona'	[tʃi:dɔɔ]	[tʃabaiɔɔtʃi] (tcha-bai'- ãtchi' IPS-assustar - DURAÇÃO CURTA,RÁPIDA, LIMITADA 'eu me assustei'	[tʃabaiɔɔtʃi] (tcha-bai'- ãtchi' IPS-assustar - DURAÇÃO CURTA, RÁPIDA, LIMITADA 'eu me assustei'	'eu acordei'

Os dados em 20 mostram que há formas diferentes que os falantes utilizam para se referirem ao ato de '*acordar ou despertar-se*', estando presentes nas suas escolhas, conforme nossos dados até o momento, as formas (raízes) correspondentes a '*vir à tona*' (iyu, /idʃu/, [idʃu]) e '*susto, assustar*' (bai', /baiʃ/, [baiʃ]). Embora não sejam nessas formas possuem uma conexão semântica: a pessoa passa de um estado a outro de forma repentina, súbita - o que é um ponto comum entre as raízes escolhidas e que são traduzidas, para o português, como '*acordar*', '*despertar-se*'.

Vejamos agora os dados em (8), (21) (22) e (24).

Grafia em Tikuna Brasil	Umariáçu I (Brasil)	Arara (Colômbia)	Bella Vista Callaru (Peru)	Tradução em Português
8. nhanagürü (nha# na-gürü)	[ʃãnagɔɔɔ] (nha# na-gürü)	[ʃanaɔɔgɔɔ] 'assim ele disse'	[ʃagɔɔgɔɔ] 'assim ele disse'	'disse assim'/ assim disse'

¹²⁹Exemplo de ocorrência do morfema /tɔaɔɔ/ 'aspecto desiderativo' (escrito -tcha#) em dado obtido no Brasil (aldeia Vendaval): pocü rü naputchã# (pocü rü na-pu- tchã# (chuva TOP 3P-chover-ASP DES) 'a chuva está querendo chover'; 'está querendo chover') (Marília Facó Soares, comunicação pessoal).

‘assim ele disse’ assim ele disse’

21. tcho’# nangema (tcho’-# na- ngema) 1PS-DAT 3PS- existir ‘para mim existe’	[tʃoʃ naŋma]	[tʃaãʃtʃiɽe] (tcha- ã’-tchire) ‘1PS-ter-objeto físico que se pode pegar’	[tʃoʃ naŋma]	Eu tenho (referente a fruta)
22. tchuã	[tʃuã]	[tʃuã]	[kʃtʃ]	‘caraná (tipo de palha para fazer telhado de casa)’
24. wümatütæ (wü-matü-tæ) riscar-pintar- atividade em curso	[wmatʃta]	[wmatʃta]	[wʃlata]	‘atividade de escrever’

Em (8), temos uma troca de posição entre as sílabas de uma mesma raiz, referente a ‘dizer’, observando-se a ordem [gʃʃʃ] em Umariçu I (Brasil) e [ʃʃʃg] em Arara e Bella Vista Callaru (Colômbia e Peru, respectivamente). Esse é um caso que envolve um processo fonológico (metátese) em variação, e não possibilidades lexicais diferentes em variação.

Em (21), os dados mostram uma diferença de concepção em relação a ‘ter’: na primeira possibilidade, a pessoa não possui uma coisa, e sim a coisa existe para ela; na segunda, a pessoa possui. A primeira possibilidade, conforme nossos dados, se apresentou claramente no Peru e no Brasil, por meio de construção em que sobressai a palavra que apresenta a raiz referente a ‘existir’ ([tʃoʃʃʃ naŋma] ‘ele existe para mim’). A segunda possibilidade é que a observamos na Colômbia, em que, na produção linguística coletada, aparece a raiz referente a ‘ter’ (/ãʃ/, [ãʃ]). Consideramos que esse uso linguístico precisa ser melhor estudado, uma vez que envolve não apenas raízes diferentes, mas também construções sintáticas distintas.

Em (22), para uma pessoa se referir a ‘caraná’, há duas possibilidades que circulam entre os falantes: /tʃuã/ ([tʃuã]) no Brasil e na Colômbia; e /kotu/ [kʃtʃ] no Peru.

Quanto a (24), esse conjunto de dados mostra que as possibilidades residem ou na combinação das raízes referentes a ‘riscar’ e ‘pintar’, ou na seleção de uma ou outra. Esse uso também é variável.

Com a amostra que coletamos, que ainda é pequena, podemos concluir, relativamente à variação lexical interna à língua Tikuna, que as possibilidades maiores de variação estão na seleção das raízes. A seleção variável de palavras sem complexidade interna (como é o caso de 22) foi menor no quadro da amostra).

3.4 Empréstimos e sua adaptação ao Tikuna

Abaixo, mostramos algumas palavras da língua portuguesa e de outras línguas que passaram, fonologicamente adaptadas, para o Tikuna.

Grafia em Tikuna	Representação Fonética	Representação Fonológica	Tradução em Português
25.arawiri	[aʎaʎili]	/aʎawilli/	Sardinha (do nheengatu)
26.arutchu	[aʎʉtʉ]	/aʎʉtʉ/	‘arroz’
27.curutchá	[kʉʉtʉʎa]	/kuʎʉtʉʎa/	‘cruz’
28.cuyera	[kudʉʉʎa]	/cudʉʉʎa/	‘colher’
29.daparina	[dapalina]	/daparina/	‘lâmparina’
30.muturu	[mʉʉtʉʉ]	/mutuʉʉ/	‘motor’
31.Ngetchutchu	[ʉʉtʉʉtʉʉ]	/ʉʉtʉʉtʉʉ/	Jesus
32.panera	[panella]	/panera/	‘panela’
33. pitchana	[pitʎana]	/pitʎana/	‘gato’
34. popera	[pʉʉʎa]	/popella/	‘papel’
35.putüra	[pʉʉʎa]	/putʎra/	‘flor’(nheengatu)
35.queruyinu	[kelʉʉʎinu]	/kelʉʉʎinu/	‘querosene’
36.tucunari	[tukunaʎi]	/tukunari/	‘tucunaré’ (do nheengatu)
37.woca	[ʉʉka],[ʉʉka]	/woka/	‘vaca, boi’
38.yucüra	[dʉʉkʉʉʎa]	/dʉʉkʉʉʎa/	‘sal’ (do nheengatu)
39.Yutche	[dʉʉ.tʉʉ]	/dʉʉtʉʉ/	José

Devidamente “tikunalizadas”, todas essas palavras estão há muito tempo no léxico da língua, sendo usadas quotidianamente pelos Tikuna, quando esses falam sua própria língua. Para um estudo da fonologia dos empréstimos em Tikuna, dados como esses são muito importantes.

3.5 Fatores da sociedade Tikuna importantes para o estudo da variação linguística

Entre os fatores que se tornaram imediatamente visíveis para nós, como estando ligados à variação linguística, está o da localização geográfica em termos de divisões nativas que tomam o grande rio (Solimões) como referência. A categorização geográfico-linguística está presente no lado brasileiro, sob a ótica nativa. Assim, **Dauquewaama ügü# arü de’a** (*‘a fala do início do alto rio’*) está ligada à área que abrange da fronteira com o Peru e a Colômbia até a aldeia de Belém do Solimões, os municípios de Tabatinga, Benjamin Constant. **Tawaama ügü# arü de’a** (*‘fala do início do baixo rio’*) é aquela vinculada à área que abrange as aldeias Vendaval, Campo Alegre e outras aldeias menores, estando aí a maior concentração de moradores Tikuna, em aldeias pertencentes ao município de São Paulo de Olivença. E **Tawaamaüitchi arü de’a** (*‘fala bem do baixo rio’*) é aquela cuja área que abrange os municípios de Amaturá, Santo Antônio do Iça, Tonantins, Fonte Boa, Jutai, Tefé, Coari, Beruri, Anamá. Esta categorização deixa de fora o Tikuna falado em Manaus, onde há uma concentração de todas estas pessoas que migraram para a capital do Estado do Amazonas. São, portanto, três áreas resultantes de uma divisão nativa. Embora estas não tenham se mostrado relevantes nos resultados que temos até agora, na pesquisa que realizamos na tríplice fronteira, seria importante não descartar o fator geográfico fundado na ótica nativa. E importante também seria procurar uma categorização nativa para lidar com o morador da cabeceira dos igarapés (aquele que tem pouquíssimo contato fora do seu grupo de pertencimento e que pode ser monolíngue).

O pertencimento clânico é um outro fator a ser considerado: ele define alianças, disputas internas e a própria migração interna, porque constitui um “passaporte” para um acolhimento que se dá independentemente de aldeia, município e país. Além disso, propicia a existência de grupos de interação social e linguística muito fortes, para além de fronteiras.

Um terceiro fator está vinculado às festividades, algumas das quais realizadas sob calendário, sendo colocados em contato moradores de diferentes localidades e diferentes pertencimentos clânicos.

Outros fatores são: o local da escolarização/ formação escolar (quando existente), e não apenas a escolarização em si; a transferência profissional no interior da área, na maior parte do tempo guiada por fatores políticos (em que a pressão da sociedade externa exerce um poder considerável); o uso do tempo pelo falante e o desenvolvimento ou não de atividades tradicionais; a entrada da tecnologia e dos “*serviços da cidade*” (água, luz, fonia, televisão nas comunidades). Esses são alguns dos fatores que podem ser utilizados em estudos de variação com controle de dados na grande área Tikuna. O estudo que fizemos e mostramos na primeira parte desta dissertação cumpriu, em parte, esta finalidade. Pretendemos levá-lo à frente, agora com controle dos dados e dos fatores que podem explicar o percurso da variação e da mudança dentro da grande área Tikuna.

4- A CONSCIÊNCIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SEU PAPEL NAS ESCOLAS TIKUNA

A maior contribuição que vemos para o nosso trabalho nas escolas Tikuna está, primeiramente, em mostrar a riqueza que existe na língua Tikuna, o que favorece o fortalecimento da consciência da variação linguística e a construção de um respeito por cada lugar onde o Tikuna é falado e por cada modo de falar nessa língua. Existem variedades linguísticas que passam despercebidas, e docentes e discentes devem refletir sobre o fato de que, como qualquer outra língua do mundo, o Tikuna oferece uma contribuição que tem que ser registrada, adquirindo-se conhecimento por meio desta língua e trabalhando-se para um entendimento maior desta mesma língua. Trabalhar as várias maneiras de falar nos ajudará a tornar os nossos futuros alunos cientes de tudo isto e a tornar claro que o Tikuna também pode ser uma língua para a transmissão de conhecimento.

Um outro ponto importante é que este nosso trabalho ajuda a fazer entender que a língua Tikuna deve continuar a ser estudada e ministrada como uma disciplina obrigatória, devendo fazer parte das propostas curriculares nas Aldeias Tikuna, o que contribui para sensibilizar sobre o seu valor, já que ela não pode ser considerada inferior às outras. Com isso, é possível colaborar para o cumprimento dos direitos expressos na Constituição Federal de 1988, que assegura aos povos indígenas “o reconhecimento de sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam”.

O nosso trabalho se coloca, assim, em uma linha de política de valorização da língua. Acreditamos que, ao ampliar os horizontes sobre o conhecimento lingüístico – o que inclui o fortalecimento da consciência da variação linguística -, poderemos desencadear uma série de ações de política de promoção de língua em âmbito educacional. Elencamos algumas ações possíveis a esse respeito, reativamente à língua Tikuna:

1. realização de fórum e cursos de **capacitações**, juntamente com a Organização Geral dos Professores Ticuna Bilingues – OGPTB, para a manutenção e o melhoramento de ensino da língua Tikuna;
2. produção de materiais didáticos e paradidáticos escritos /sonoros em língua Tikuna com inclusão da variação linguística;

3. realização de promoções para a valorização da cultura e da língua, vendo-se a língua como recurso (algo que traz riqueza), e não como problema.
4. viabilização da oferta de ensino e transmissão de conteúdos em língua Tikuna em todos os níveis, do ensino fundamental ao médio , sendo as disciplinas ministradas por professores bilíngües, sem que esses deixem de ensinar outras línguas e outros conteúdos, para aquisição do conhecimento universal a que o educando tem direito;
5. execução de uma política de línguas na região do Alto Solimões, de modo que essa alcance prioritariamente educadores, para fins de sensibilização dos educandos;
6. estudo e realização de levantamento de variedades da língua como um gesto de respeito em face da riqueza que a língua nos oferece;
7. aprofundamento dos estudos de variação linguística nas comunidades, com o entendimento de que essa é parte do conhecimento lingüístico;
8. promoção de cursos de formação em várias áreas de conhecimentos para os educadores Tikuna bilíngües, para que esses possam transmitir esses conhecimentos **usando a língua Tikuna**;
9. promoção de uma educação realmente voltada à realidade da região e que acompanhe o desenvolvimento universal e respeite uma percepção tradicional do próprio Tikuna;
10. promoção de campanha para a cooficialização da língua Tikuna como desafio para as políticas públicas da região.

O elenco de ações que enumeramos está combinado à visão da língua como fonte de riqueza. Este foi nosso ponto de partida, quando escolhemos estudar a variação linguística interna ao Tikuna e a vimos como riqueza. Desta riqueza também fazem parte a consciência linguística do falante, o que inclui a consciência da variação linguística e o seu potencial de mobilização não só para novos estudos, mas também para o empreendimento de políticas de línguas que considerem as escolas e suas práticas. A isso se soma o fato de que fortalecer a língua é torná-la um veículo de transmissão de conhecimento e suporte para a nossa identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas considerações precisam ser feitas com relação ao estudo como um todo. Em primeiro lugar, a pesquisa foi feita com observação (participante) para que eu pudesse adquirir informações como falante nativo desta língua, junto aos consultores nativos, interagindo diretamente com eles nos diálogos e conversações. Isso me ajudou a obter melhor as informações aqui apresentadas, sendo que, ao não me apresentar claramente como pesquisador da língua, os falantes não tinham preocupação em querer se organizar para falar bem, controlando, monitorando sua própria produção em relação às pronúncias de cada palavra ou construção de cada forma linguística.

Ao analisar os dados coletados na tríplice fronteira Brasil, Peru e Colômbia, relativamente à variação interna à língua Tikuna, foi possível verificar que há certas características linguísticas em variação que não são prerrogativa da tríplice fronteira. Na realidade, essas ocorrem em outros pontos da área Tikuna ou, pelo menos, é possível supor que possam ocorrer. Para mais de um processo examinado, foi possível constatar que a variação não parece ser condicionada geograficamente. Motivações internas à própria língua, de caráter perceptual e/ ou articulatória também se fizeram presentes em nossos resultados. No entanto, se, de um lado, há variações que ocorrem em outros pontos da área Tikuna, de outro, a pesquisa na tríplice fronteira nos permitiu capturar e registrar o estágio inicial de um processo de ditongação até então desconhecido. Do mesmo modo, ao constatar que, relativamente à variação lexical, as possibilidades maiores de variação estão na seleção das raízes, isso nos colocou diante de conexões semânticas que estão fundadas em aspectos culturais.

Um outro resultado da pesquisa foi que ficou mais claro, para nós, os fatores que, estando ligados à organização social Tikuna, podem ser relevantes para o estudo da variação linguística.

Contudo, a pesquisa ainda não está completa. Há muito por fazer. Um caminho para a sua continuidade está em estudo com amostra controlada, amostra essa que pode ser proveniente também de uma comunidade mais isolada, para efeitos de comparação. A necessidade de controle dos dados associado ao controle dos fatores socialmente relevantes é algo que nos parece claro para podermos prosseguir. Porém, também é claro para nós que, para a continuidade do trabalho, devemos manter o método etnográfico e empregá-lo de modo mais pleno, porque foi esse que nos permitiu obter informações mais

espontâneas e seguras e que, além disso, nos permitiu transitar em aldeias diferentes da nossa. Na realidade, para a continuidade do meu trabalho, me vejo indo ao encontro de outros Tikuna que não sejam da mesma aldeia que eu e que não sejam a reprodução de mim mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBANO, Eleonora Cavalcante. *O gesto e suas bordas: esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro*. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de leitura do Brasil-ALB, São Paulo: Fapesp, 2001
- ALVIANO, F. de (Frei). Notas etnográficas sobre os Ticunas do Alto Solimões. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*. Vol.180:5-34. Imprensa Nacional. Julho-Setembro, 1943.
- BENDAZZOLI, Sirlene. Políticas públicas de educação escolar indígena e a formação de professores Ticunas no Alto Solimões/AM. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP), 2014.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Manual de sociolinguístico*, São Paulo, Editora Contexto, 2014.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FAULHABER, Priscila; DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; BORGES Luiz C. (orgs). *Ciências e Fronteiras*. Edição revista. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2014. 348p.
- FERNANDES, Maria Luiza; GOMES FILHO, Gregório Ferreira. A expedição de Pedro Teixeira e a “descoberta” do Rio Branco. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 7, n. 1: 147-164, abr., 2014. Disponível em
- GRUBER, Jussara (org.) *O livro das árvores*. Benjamin Constant: Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngues, 1997.
- _____. (coord.). *Ngi'ã tanaütchicünaagü: Um manual da escrita*. Benjamin Constant/Brasília: Magüta-CDPAS/SECAD/MEC, 1992.
- LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell, 1996.
- MAGÜTA-CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA DO ALTO SOLIMÕES. *A Lágrima Ticuna é uma só: rü au i Ticunagü arü wü'i*. Benjamin Constant: CDPAS, 1988. Disponível em <http://www.mpf.mp.br/am/projetos-especiais/memorial/docs/RAITICUNAGARWUIAlgrimaTicunaumasMagta1988.pdf>.

- MELATTI, Julio Cezar. Notas para uma história d[os Brancos n]o Alto Solimões. Disponível em <http://www.juliomelatti.pro.br/artigos/a-solimo.es.pdf>.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. Ed., 3ª reimpressão .- São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- NIMUENDAJÚ, Curt. Os Índios Tikuna (1929). Textos Indigenistas. São Paulo, 1982.
- _____. The Tukuna. *University of California Publications in American Archeology and Ethnology*, volume 45, ed. Robert H. Lowie, 209 p. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1952. [Traduzido para o inglês por William D. Hohenthal]
- OLIVEIRA, João Pacheco de; FREIRE, Carlos A. da Rocha: A presença indígena na Formação do Brasil, 2006.
- _____. O nosso Governo. Os índios Ticuna do Alto Solimões. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ, 1986.
- ORGANIZAÇÃO GERAL DOS PROFESSORES TICUNA BILÍNGUES. *Curugüitchiga*. Benjamin Constant/Brasília: OGPTB/Ministério da Educação, 2002a.
- _____. *Werigü arü ae*. Benjamin Constant/Brasília: OGPTB/Ministério da Educação, 2002b.
- REZA, Ramiro de La; FAULHABER, Priscila. A mensagem cósmica de Frei Fidelis de Alviano. In: FAULHABER, Priscila; DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; BORGES Luiz C. (2014). p. 163-174.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*, 28 ed. São Paulo; Editora Cultrix, 2012.
- SOARES, Marília Facó. A análise de Tempo em Ticuna (Tikuna) revisitada: questões sobre anáfora temporal e sequenciamento temporal. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, volume 13, número 2, Julho 2017.
- SOARES, Marília Facó; PINHEIRO, Pedro Inácio ((Ngematücü); CARMO, Reinaldo Otaviano do; Professores Ticuna (OGPTB). *Tchorü du##guca' tchanu - Minha luta pelo meu povo*. Niterói, RJ: EDUFF, 2014.
- SOARES, M. F. *O supra-segmental em Tikuna e a teoria fonológica*. Volume I: Investigação de aspectos da sintaxe Tikuna. Campinas, Editora da UNICAMP, 2000.

- _____. *Dicionário Ticuna 1ª versão*: Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngues, 1996.
- _____. Núcleo e coda. A sílaba em Tikuna In: WETZELS, L. (org.) *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. 1 ed. Rio de Janeiro : UFRJ, 1995, p. 195-263, 1995a.
- _____. Alguns processos fonológicos em Tikuna. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP), v.10, p.97-138, 1986.
- _____. Traços acústicos das vogais em Tikuna. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP) , v.7, p.137- – 175, 1984.

ANEXOS

ANEXO I- TABELA DOS DADOS COLETADOS

Grafia em Tikuna Brasil	Umariáçu I (Brasil)	Arara (Colômbia)	Bella Vista Callaru (Peru)	Tradução em Português
1. mana#ca ¹³⁰	-----	[manaʔka]	[manaʔka]	‘então’
2. Cümana	[kʔmana], [kʔna]	[kʔana]	[ka:na]	‘não é mesmo?’
3. Namu	[na:mu]	[naaʔwa]	[nawʔikaʔ]	‘tem vários/muitos’
4. natchia#	[natʔiaʔ]	[ʔʔma]	[ʔʔakaʔ]	‘mosquiteiro’
5. nga’#	[ʔaʔʔ]	[aʔi]	[ʔaʔʔ]	bêbado /embriagar
6. ngeguma	[ʔeguma], [ʔeguma]	[ʔeguma] [guma]	[ʔeguma][ʔeguma]	‘neste tempo;quando (não passado)’
7. nhama	[ʔãma]	[ʔama]	[ʔʔma]	‘este, hoje...’

¹³⁰Fonte: Livro *Tchorü Du##güca’ tchanu* ‘Minha luta pelo meu povo’ (SOARES, PINHEIRO, CARMO, Professores Ticuna (2014)).

8. nhanagürü (nha# na-gürü) 'assim ele disse'	[l̥nag] [g]	[l̥ana] [g] 'assim ele disse'	[lag] [g] 'assim ele disse'	'disse assim'/ assim disse'
9. nibai'neancü'ü (ni-bai'-ne-ane-cü'ü) 3p-brilho-acelerado e intermitente-terra,mundo – mov.rápido e repetido	[nibai] [neak:]	[nibai] [b] [lanek:]	[nibaineak:]	'está relampejando' ('está brilhando aceleradamente no mundo/na face da terra', em movimento rápido e repetido')
10. nu'mae	[n] [ma:]	[numã]	[numa:]	'Bom dia, boa tarde, boa noite' ('estou aqui')
11. pu'üne	[p] [n]	[n]	[t] [n]	'cabelo branco'
12. tama	[tãma]	[ta>]	[ta] [ma]	Não
13. tamae'pü	[tama] [p]	[tama] [p]	[t] [ma] [p]	'três' (numeral)
14. tchacutü (tcha-cutü) 1P.S.-pé	[t] [lakut]	[t] [la] [kut]	[t] [kut]	'meu pé'
15. tchama (tcha-...)'1P.S.'; forma livre)	[t] [lama]	[t] [la] [ma]	[t] [ma]	'eu'
16. tchanawa'e (tcha-na-wa'e) 1PS-OI-querer	[t] [lanawa]	[t] [lana:]	[t] [lanat] [la]	'eu quero (eu o quero' [alguma coisa ou alguém])

17. tchaueya' (tcha-eya) 1P.S.-irmã	[tʃaueja]	[tʃaɛdja]	[tʃedja]	‘minha irmã’
18. tchayae (tchau-yae) 1P.S.-cabelo	[tʃaɛdja]	[tʃaɛdja]	[tʃedja]	‘meu cabelo’
19. tchawemü (tcha-wemü) 1P.S.-comida	[tʃawem]	[tʃawem]	[tʃwem]	‘minha comida’
20. tchiiyu (tchi-iyu) 1PS-estar submerso e vir à superfície subitamente)	[tʃi:du]	[tʃabaiãtʃi] ‘eu me assustei’	[tʃabaiãtʃi] ‘eu me assustei’	‘acordar’
21. tcho’# nangema (tcho’-# na-ngema) 1PS-DAT 3PS-existir ‘para mim existe	[tʃoʃnaŋma]	[tʃaãtʃi] (tcha- ã’-tchire) ‘1PS-ter-objeto físico que se pode pegar’	[tʃoʃnaŋma]	Eu tenho (referente a fruta)
22. tchuã	[tʃuã]	[tʃuã]	[kʃtʃ]	‘caraná (tipo de palha para fazer telhado de casa)’
23. wü’i	[wüi], [wü]	[wi]	[wüi]	‘um’ (número 1)

<p>24. Wūmatūtae (wu-matū-tae) riscar-pintar com traço definido- atividade em curso</p>	[ʷmatʷta]	[matʷta]	[wʷlata]	‘atividade de escrever’
---	-----------	----------	----------	----------------------------

ANEXO II – IGAÇABA (MUITO USADA NA FESTA DA MOÇA NOVA)



ANEXO III

Casa da festa da moça nova aldeia Vendaal (São Paulo de Olivença-Am)